

ALINE AGUIAR MENDES

O ENIGMA NA PSICOSE
À LUZ DA TEORIA DA
FORACLUSÃO DO SIGNIFICANTE NOME-DO-PAI

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Psicologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, área de Concentração em Estudos Psicanalíticos, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Psicologia, sob a orientação do Prof. Paulo César de Carvalho Ribeiro.

Belo Horizonte

**Universidade Federal de Minas Gerais
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas**

2001

Universidade Federal de Minas Gerais
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas
Mestrado em Psicologia

O ENIGMA NA PSICOSE
À LUZ DA TEORIA DA
FORACLUSÃO DO SIGNIFICANTE NOME-DO-PAI

Aline Aguiar Mendes

Belo Horizonte

2001

AGRADECIMENTOS

A CAPES e ao CNPq, pelo fomento parcial a essa pesquisa.

A Paulo César de Carvalho Ribeiro, pela orientação, paciência e liberdade concedidos para realização desse trabalho.

Aos colegas do Instituto Raul Soares, especialmente, Andréia Helena e Vanessa Figueiredo, pela compreensão e interesse;

A Cinara Araújo, pelo interesse e pela interlocução;

A Mônica Assunção, pela interlocução e disponibilidade em ajudar-me;

A Maria Fernanda Machado, por sua disponibilidade e delicadeza em escutar-me;

A Elisabeth Timpony, pela escuta do desejo;

A Jésus Santiago, pela rica interlocução, disponibilidade e incentivo a realização desse trabalho;

A Antônio Teixeira, por sua preciosa interlocução, generosidade e incentivo a realização desse trabalho;

Em especial:

A Rosalvo, por sua companhia e cuidado com minha escrita;

A Cinthia, por sua preciosa companhia;

A Ana Senra, pela dedicação e generosidade;

Aos meus irmãos e minha tia;

Aos meus pais, pela possibilidade de escrever.

*Esta página, por exemplo,
não nasceu para ser lida
Nasceu para ser pálida,
mero plágio de Ilíada,
alguma coisa que cala, folha que volta pro galho,
muito depois de caída.*

(Aviso aos Náufragos, Paulo Leminski).

Para Ana, Cinthia e Rosalvo,
companheiros na palavra e no silêncio.

“Tenía la sensación como si yo quisiera indicar algo, pero no sabía el qué. No puedo en absoluto describir qué es lo que me pasaba.”

Relato de paciente. (CONRARD. 1963, p. 61)

“Não posso contar de antemão com um conhecimento completo, uma vez que se trata em parte de coisas que de modo algum se deixam exprimir em linguagem humana, por ultrapassarem a capacidade de entendimento do homem”.

(SCHREBER. 1995, p. 29)

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo a investigação da noção de enigma a partir da perspectiva da forclusão do significante Nome-do-Pai.

Para realizar esse objetivo, primeiramente discutimos a importância da noção de enigma para a descrição da eclosão do delírio psicótico. Embora na psicopatologia o enigma não apareça como uma categoria, encontramos na descrição psicopatológica dos fenômenos psicóticos aspectos que serão fundamentais para a construção lacaniana da noção de enigma na psicose.

Em seguida, tratamos propriamente da construção da noção de enigma na psicose nos textos de Lacan. Nessa perspectiva, vimos como a noção de enigma já está presente em "*O Seminário. Livro III: as psicoses*" (1955-6, 1988). Mas somente a partir do texto "*De uma questão preliminar a todo tratamento possível das psicoses*" (1998) e de "*O Seminário. Livro V: as formações do inconsciente*" (1957-8, 1999) podemos articular de forma mais clara o enigma na psicose com a forclusão do significante Nome-do-Pai.

Nesse percurso, podemos concluir que a noção de enigma nos coloca o problema de pensar em significantes fora-da-cadeia, desarticulados simbolicamente. Essa consideração demonstra a importância da investigação do enigma na psicose a partir da teoria da forclusão do significante Nome-do-Pai, pois nos permite refletir sobre os alcances e limites dessa teoria, apontando para novas elaborações teóricas.

SUMÁRIO

Introdução -----	7
Capítulo 1: Contextualização: o enigma e o limite da compreensão - a psicanálise lacaniana e o novo estatuto epistemológico da teoria das psicoses	
1.1 - A psicopatologia e o enigma: o limite da compreensão -----	10
1.1.2 - A estranheza e a certeza na eclosão do delírio psicótico -----	11
1.2 - A descoberta freudiana: interpretar não é compreender -----	19
1.3 - Lacan e a teoria do significante - o novo estatuto epistemológico para as psicoses.-----	22
1.4 - Teoria do significante e psicose. -----	27
Capítulo 2: O enigma e o buraco do simbólico -----	35
2.1 - O enigma e a <i>Verwerfung</i> - a abolição simbólica e o retorno no real-----	36
2.2 - O enigma em " <i>O Seminário. Livro III: as psicoses</i> " - A rejeição de um significante primordial e a questão do Pai -----	43
Capítulo 3: O enigma e a forclusão do significante Nome-do-Pai -----	54
3.1 - Édipo-Rei e o enigma-----	55
3.2 - Do capricho da mãe à Lei Paterna -----	59
3.2.1 - Os três tempos do Édipo e a metáfora paterna -----	59
3.2.2 - O Nome-do-Pai e a teoria do ponto de basta-----	62
3.3 - O nome-do-Pai e a mensagem-----	75
3.3.1 - O Inconsciente como produtor de mensagem em " <i>O Seminário. Livro V: as formações do inconsciente</i> ".-----	76
3.3.1.1 - Metáfora - apogeu da criação inconsciente -----	78
3.3.1.2 - Lapsos - a metáfora mal sucedida-----	81
3.3.1.3 - A metonímia - substrato da criação-----	84
3.4 - O enigma como aparição do significante no real, decorrente da forclusão do Nome-do-Pai-----	88
Conclusão: -----	97
Referências Bibliográficas: -----	104
Résumé: -----	110

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa iniciou-se a partir de um questionamento que é fruto de alguns atendimentos realizados em uma instituição de saúde mental. Em alguns casos foi possível notar a presença de significantes que não se dialetizavam e que, por essa razão, exerciam sobre o sujeito uma imposição. Essa imposição caracterizava-se, muitas vezes, por uma inércia ou fixidez, pois os significantes pareciam não se prestarem a um deslocamento possibilitado pelo desenrolar da cadeia significante. O sujeito, então, parecia ficar paralisado frente à impossibilidade de se apropriar de alguma significação produzida no devir da cadeia. Apesar de não haver fenômenos elementares claros, o que podia indicar o diagnóstico de psicose, a presença desses significantes, que se impunham ao sujeito carregando uma fixidez, me fez perguntar se no campo das psicoses poderia achar argumentos teóricos para acolher minha questão.

Nesse contexto, foi possível notar, já nas elaborações lacanianas sobre a psicose dos anos 50, como a noção de enigma poderia ser interessante na investigação acerca da peculiaridade desses significantes que parecem não se articularem com outros significantes na cadeia, carregando, por esse motivo, uma fixidez, uma densidade.

Como veremos, a investigação sobre a noção de enigma na psicose, baseada nos textos dos anos 50, nos permite não somente um entendimento mais complexo dos efeitos de linguagem na psicose, como também um maior diálogo com a teoria laciana baseada na hegemonia do simbólico, já que nos possibilita deparar com alguns alcances e impasses dessa teoria.

A presente investigação sobre a noção de enigma se divide em três capítulos.

No primeiro capítulo há uma contextualização da noção de enigma. A partir dessa contextualização, é possível notar que, embora a noção de enigma não seja uma categoria da psicopatologia, encontramos, em teóricos dessa disciplina, importantes considerações para o que vamos tratar acerca do enigma. Se recorrermos às idéias de Jaspers e Conrad, verificaremos como a estranheza e a imprecisão de algumas significações e sua posterior conversão em uma certeza paradoxal são delimitadas como fundamentais na descrição do delírio. Como veremos, Lacan também assinala a importância desses fenômenos na eclosão do delírio psicótico, porém os analisa numa perspectiva epistemológica distinta da psicopatologia. O novo estatuto epistemológico para se pensar a psicose, baseado na teoria da linguagem, permite Lacan criticar as bases teóricas e metodológicas da psicopatologia e oferecer novos instrumentos teóricos para tratar do que ocorre na psicose. É nesse contexto que a noção de enigma pode, então, ser construída.

No segundo capítulo começamos a tratar propriamente da construção do enigma nos textos lacanianos dos anos 50 sobre a psicose. Nesse capítulo abordaremos dois textos que consideramos como fundamentais na preparação de uma melhor definição do enigma, que se dará com a formulação da teoria da forclusão do Nome-do-Pai. Assim, abordaremos primeiramente o texto de Lacan "*Resposta ao Comentário de Jean Hypollite sobre a Verneinung de Freud*" (1998). Embora a noção de enigma não esteja presente nesse texto, ele nos dá subsídios para a construção do enigma como efeito do retorno no real daquilo que não pôde ser simbolizado. Veremos como no "*O Seminário. Livro III: as psicoses*" (1955-6, 1988) poderemos fundamentar essa hipótese teórica. Assim, num segundo momento, acompanharemos, nesse seminário, as primeiras formulações acerca do enigma. Será possível notar como a elaboração da noção de enigma está articulada à teoria do significante. Além

disso, poderemos também estabelecer uma íntima relação do enigma com a rejeição de um significante privilegiado, a partir da qual teremos as primeiras formulações acerca do significante Nome-do-Pai.

Finalmente, no terceiro capítulo iremos elaborar a definição do enigma como efeito da forclusão do significante Nome-do-Pai. Nessa perspectiva, faremos primeiramente uma discussão a respeito da função da metáfora paterna e do Édipo na teoria lacaniana, a partir da qual definiremos o Nome-do-Pai como o ponto de basta maior da ordem simbólica. Poderemos verificar que o enigma, como efeito da forclusão do significante do Nome-do-Pai, coloca em questão a ordenação da cadeia significante garantida pelo mesmo. Em seguida, articularemos a produção de mensagem com a operação do significante do Nome-do-Pai. Como no enigma não temos a operação desse significante, não teremos a produção de uma mensagem, o que terá como resultado a presença de significantes que não servem a um endereçamento. Para terminar, iremos ressaltar que o enigma coloca em questão a teoria lacaniana do significante nos anos 50, já que nos remete a significantes que aparecem fora da cadeia, desarticulados simbolicamente, emergindo, portanto, no real.

CAPÍTULO 1

CONTEXTUALIZAÇÃO: O ENIGMA E O LIMITE DA COMPREENSÃO - A PSICANÁLISE LACANIANA E O NOVO ESTATUTO EPISTEMOLÓGICO DA TEORIA DAS PSICOSES

1.1

A Psicopatologia e o enigma: O limite da compreensão

Embora a noção de enigma não apareça como uma categoria da psicopatologia, encontramos nos livros dessa disciplina considerações importantes na investigação do enigma. A incompreensibilidade e estranheza de algumas significações e sua posterior conversão em uma certeza que é imposta ao paciente são delimitados como fenômenos cruciais na eclosão do delírio psicótico. Como veremos, Lacan dará a esses fenômenos um lugar privilegiado, mas os abordará a partir de uma outra perspectiva epistemológica. É a partir das elaborações de Lacan que veremos a construção da noção de enigma articulada a esses fenômenos cruciais da psicose.

Podemos circunscrever na psicopatologia pelo menos dois autores que ofereceram especial importância a esses fenômenos. Um deles foi Karl Jaspers, que pela importância de sua obra para psiquiatria e o destaque conferido a ele por Lacan em suas críticas acerca da psiquiatria clássica, terá o lugar central em nosso pequeno comentário. O Outro autor é Conrad, que embora possua um lugar mais discreto, fornece considerações de grande importância para nossa investigação.

1.1.2 - A estranheza e a certeza na eclosão do delírio psicótico

A psicopatologia fenomenológica, baseada na compreensão, é fundada pelo teórico Karl Jaspers e tem como marco a publicação de sua obra principal "*Psicopatologia Geral*", em 1913.

A "*Psicopatologia Geral*" (2000) de Jaspers é a primeira obra a fazer uma crítica conceitual sistemática às teorias psiquiátricas. De fato, sua obra se abre com a constatação da necessidade de se fazer uma classificação das doenças mentais a partir de uma fundamentação e explicitação das bases metodológicas. Além de ter como objetivo uma classificação mais rigorosa das doenças mentais, Jaspers tinha a preocupação de organizar o campo teórico da psiquiatria que ora apresentava-se de forma fragmentada, ora cristalizada em um campo teórico restrito. Acima de tudo, a "*Psicopatologia Geral*" é um empreendimento que busca delimitar as dificuldades e propor soluções aos problemas colocados pelo modelo do paralelismo psicofísico à psicopatologia.

De 1876 a 1910, o paralelismo psicofísico é defendido por um conjunto de alienistas que acreditavam que a psiquiatria era um ramo da neurologia. Havia, então, dois grupos teóricos principais. Os dogmáticos eram ávidos por antecipar as tão esperadas evidências orgânicas e traduziam a clínica em metáforas neurológicas. Dentre eles, encontramos Meynert, um dos mestres de Freud. Já o outro grupo, constituído por herdeiros de Pinel, estabeleciam hipóteses neurologizantes, mas conservavam uma certa autonomia na orientação decorrente da observação na clínica.

De qualquer modo, todos os dois grupos tinham como referencial a concepção das localizações cerebrais. Ao longo desse período, há também uma teoria psicológica única que não era oposta ao referencial da neurologia. Pelo contrário, dentro desse referencial desenvolveram-se nuances teóricas às teorias neurológicas, mas nunca em caráter de oposição. Assim, acreditava-se que a atividade psíquica era uma atividade associativa, não

somente no sentido da associação de idéias, dos psicólogos, como também no sentido de feixes associativos, dos neurologistas. De fato, esses conceitos eram decorrentes de um mesmo fenômeno (BERCHERIE, 1980, p. 133-136).

Uma das dificuldades importantes desse referencial teórico seria a exigência de se ter uma correspondência exata de cada fenômeno psíquico a um substrato somático. Para Jaspers, isso torna a tarefa da psicopatologia impossível, cabendo, então, estabelecer os limites que determinariam quando é possível obter essa correspondência e quando tal correspondência é inviável. Entretanto, para estabelecer esse limite foi necessário diferenciar o campo psíquico do orgânico. Essa constatação não teve valor etiológico, mas possibilitou apreender a complexidade dos fenômenos psíquicos abarcando o modo de apresentação dos mesmos. Assim, foi estabelecido um método para se apreender o que é próprio do psíquico. Vale ressaltar que essa perspectiva não contesta o suporte material da mente, mas estabelece as coordenadas que orientam o que se sabe e o que ainda não foi elucidado pela investigação clínica e teórica.

A distinção entre compreender e explicar é o que fundamenta as bases metodológicas e teóricas da psicopatologia jasperiana.

O final do século XIX foi cenário de um desafio epistemológico que promoveu a ascensão das ciências do homem ou do espírito. A produção desse novo saber torna necessária uma modificação do estatuto epistemológico positivista vigente. Surge, então, a distinção entre as ciências do espírito e as ciências da natureza. Enquanto essas últimas se baseavam nos métodos que já haviam sido comprovados pela ciência clássica galileana, as primeiras precisavam de uma metodologia própria para apreender o que caracterizava a história e o devir do homem. Assim, duas palavras-chave são essenciais, quais sejam, o explicar (*erklären*) e o compreender (*verstehen*). Dilthey é o principal teórico que fundamentou a

compreensão como método das ciências do espírito. As ciências do espírito visam apreender o objeto em sua idiossincrasia individual, baseando-se em sua imersão na história e no devir. Nessa perspectiva, não é necessário explicar as causas e sim, estabelecer relações que não são, em última instância, causais. Já as ciências da natureza visam reduzir o devir às leis universais, dissolvendo inteiramente o particular no geral. Dessa forma, enquanto as últimas visam o juízo de verdade, as primeiras visam a valorização (ASSOUN, 1983, p.47-48).

É possível notar como a distinção entre compreender e explicar foi de fundamental importância para Jaspers. Uma aplicação importante dessa distinção diz respeito à oposição entre **desenvolvimento** e **processo**. O desenvolvimento da personalidade é compreensível, pois diz respeito ao que podemos compreender dos fenômenos psíquicos de um indivíduo ao longo de sua história, de acordo com suas características pessoais, com sua interação ao seu meio social, familiar, etc. Assim, podemos falar de desenvolvimento de uma personalidade

"desde que possamos compreender, no conjunto das categorias biográficas, o que veio a acontecer, pressupondo a normalidade biológica do evento básico. O que é decisivo para a compreensão são vivências, causas, acontecimentos suficientes e mais, a ausência de complexos sintomáticos temporalmente localizáveis conhecidos de um processo". (JASPERS, 2000, p. 847).

O processo se diferencia do desenvolvimento por caracterizar eventos psíquicos que não mantêm uma relação compreensível com a totalidade da vida psíquica. O indivíduo foi afetado por um processo se não há a presença de *"uma causa desencadeadora ou de uma vivência suficientemente baseada"*.(JASPERS, 2000, p.847). Segundo Jaspers, o processo decorre de fatores extraconscientes de origem somática que devem ser postulados.

"O que há de comum a todas as conexões causais é o fato de nelas alguma coisa incompreensível se fazer claramente necessária; causalidade esta que se pode determinar apenas empiricamente, só podendo apreender-se de forma teórica pela elaboração de um extra-consciente fundamental, em si porém inevidente.

(...) O que nos guia, a esta altura, é a idéia básica de que todas as conexões causais, de que o alicerce extraconsciente do psiquismo se baseiam em processos somáticos."(JASPERS, 1913, p. 558).

O processo escapa, pois, ao alcance da compreensão, atestando os limites do conhecimento dos fatos psíquicos.

Assim, nos fenômenos psicopatológicos podemos distinguir dois grandes grupos. Há os fenômenos que podem ser compreendidos e os que não o podem. Nos primeiros não é possível obter leis gerais, mas sim relações, já que o psíquico resulta do psíquico, sendo assim compreensível. Dessa forma, Jaspers nos diz que quem é ofendido se zanga, quem é enganado torna-se desconfiado, ou seja, um evento psíquico é decorrente de outro evento psíquico. Em contrapartida, os segundos fenômenos são caracterizados por não possuírem um critério de inteligibilidade. Eles rompem abruptamente o desenvolvimento compreensível da vida mental, produzindo uma mudança sem conexão com a história de vida do indivíduo. Esses fenômenos são incompreensíveis por natureza.

É necessário, ainda, distinguir o processo orgânico do processo psíquico. Enquanto no processo orgânico conhecemos, pelo menos de forma mais geral, as determinações somáticas, no processo psíquico essas determinações não são, de maneira alguma, conhecidas, devendo ser postuladas. Além disso, há diferenças semiológicas importantes entre os processos orgânico e psíquico. Os primeiros apresentam problemas mais grosseiros referentes à capacidade de realizar tarefas que exigem a integridade da inteligência, da memória e da orientação. Já os últimos apresentam alterações mais sutis (LOBOSQUE, 1993). Dentre elas, um exemplo importante do fenômeno psíquico incompreensível é a vivência delirante primária que nos interessa de perto por sua relação com o enigma.

Para Jaspers, o delírio, questão central da psicopatologia, se comunica em juízo. Somente onde se pensa e se julga pode haver delírio. O pensamento, por sua vez, é essencialmente pensamento de significações, sendo que no pensamento normal a significação tem caráter de realidade quando está imediatamente presente no que se percebe, representa e recorda. Jaspers exemplifica sua consideração dizendo que quando vejo ou penso numa faca, relaciono-a imediatamente ao objeto de cortar, ou seja, parecem ser estas relações que constituem a realidade daquele objeto para um dado indivíduo. Nas vivências delirantes primárias a consciência de significação está alterada. Essa alteração não é compreendida, pois não podemos estabelecer conexões plausíveis. Ao contrário, ela é incompreensível por se apresentar de forma completamente estranha, tanto para o indivíduo acometido por ela quanto para qualquer pessoa que tenta tomar conhecimento sobre o que possivelmente pode estar acontecendo com tal indivíduo. Dessa forma, as vivências delirantes primárias se distinguem das idéias deliróides. Enquanto essas últimas são produtos compreensíveis de alterações que podem ser reconhecidas como, por exemplo, de afetos e percepções falsas, as primeiras revelam algo de definitivo sem qualquer nexo compreensível. Portanto, o delírio não é definido somente como idéias errôneas e incorrigíveis. Com efeito, antes de Jaspers, havia três critérios para a definição de delírio: a certeza subjetiva, a impossibilidade de influenciamento e a impossibilidade de conteúdo. Jaspers constata uma certa imprecisão nessa definição. A partir de sua distinção entre idéia deliróide e vivência delirante primária, cuja característica essencial é de restar *"algo incompreensível, inapreensível e imperceptível."* (JASPERS, 2000, p.119), ele circunscreve de forma mais refinada o que é fundamental ao delírio.

Na vivência delirante primária tudo tem nova significação envolvida em uma estranheza e indefinição. Há sempre algo presente, apesar de totalmente impreciso, germe de valor e

significação objetivos. Ainda segundo Jaspers, essa vivência deve ser insuportável, impulsionando o indivíduo a procurar qualquer idéia para se obter um alívio. Segundo o mesmo autor, há casos em que convicções e idéias de perseguição já estão presentes no início. Todavia, podemos desconfiar e procurar o germe primário desse primeiro momento de imprecisão completa. Se quisermos fazer uma descrição mais detalhada, podemos diferenciar a vivência delirante primária em disposição delirante, percepção delirante, representação delirante e cognição delirante.

A disposição delirante constitui um primeiro momento de estranheza e imprecisão. Na percepção delirante é presente a imposição de algumas significações específicas que deixam o paciente absorto, abarcando desde vivências de significação imprecisa até delírios de observação e auto-referência. As representações delirantes surgem em forma de novas significações ou em forma de ocorrências repentinas. Já as cognições delirantes presentes em psicoses agudas se caracterizam pelo pressentimento de acontecimentos gigantescos ou em vivências concretas de um dado acontecimento.

Conrad é um outro autor que nos interessa pela delimitação que faz do delírio esquizofrênico, a partir de três fases: o trema, a fase apofântica e a fase apocalíptica. Nessas fases, principalmente nas duas primeiras, o que Conrad delimita como essencial é a vivência de estranheza e incompreensibilidade presente no delírio esquizofrênico.

Conrad valoriza as contribuições de Jaspers estabelecendo o trema e a fase apofântica como uma terminologia própria, mas intimamente articulada à vivência delirante primária jasperiana, a qual, como vimos, nos interessa de perto para a noção de enigma.

Assim, a fase inicial do delírio esquizofrênico, o trema, se caracteriza por uma vivência angustiante, de estranheza, devido a uma tensão à qual um indivíduo é submetido. O trema se caracteriza por vários aspectos dentre os quais se destacam para o nosso interesse as condutas

sem sentido e o humor delirante. As primeiras se caracterizam por uma perda completa da noção de uma situação. O paciente deixa de se ajustar às regras do jogo, determinadas por um enquadramento da realidade. Já o humor delirante - ou disposição delirante em Jaspers - é considerado como um dos conceitos mais importantes da psiquiatria clássica e caracteriza precisamente o limite peculiar entre a vivência normal e a delirante. Para Conrad, o que é fundamental no humor delirante é, como já havia salientado Jaspers quando define a disposição delirante, a experiência de que algo acontece, embora seja totalmente impreciso (CONRAD, 1963, p.47-63).

A fase apofântica é descrita por Conrad para delimitar as formas de vivências corretamente classificadas de percepção delirante, representação delirante. A fase apofântica tratará, nessa perspectiva, de um saber que se impõe de forma imediata acerca das significações. Essas significações, entretanto são caracterizadas por serem incomuns e por serem auto-referenciais (CONRAD, 1963, p. 63-106).

Acima de tudo, o que nos importa ressaltar é que na base da eclosão do delírio, tanto na vivência delirante primária de Jaspers, quanto no *trema* e na fase apofântica de Conrad, algo se apresenta como estranho e insuportável, que invade o sujeito, produzindo uma ruptura na significação que é posteriormente transformada em certeza pela imposição de uma significação que permanece estranha ao sujeito.

Assim, esses dois autores nos permitem circunscrever na psicopatologia as considerações que serão cruciais à construção da noção de enigma na teoria lacaniana. Entretanto, é a partir de Jaspers que serão abordadas tanto as contribuições e quanto a crítica de Lacan à psicopatologia.

Com efeito, é possível notar, apesar das críticas, as contribuições de Jaspers à teoria lacaniana. Como veremos, em "*O Seminário. Livro III: as psicoses*"(1955-6,1988), Lacan

circunscreve o momento crucial do delírio como a presença de uma certeza subjetiva imersa numa ruptura da significação em que tudo parece estranho ao sujeito. Esse momento Lacan o chama de enigmático. Assim, apesar de Jaspers não usar o termo enigma, vemos suas contribuições preciosas à teoria lacaniana das psicoses serem circunscritas a partir dessa noção de enigma. Entretanto, Lacan não faz da incompreensibilidade o absurdo da psicose, mas sim, critica a inocuidade da noção de compreensão para se apreender o que é próprio do sujeito. Apesar da teoria jasperiana ter propiciado a Lacan não somente uma primeira consideração sobre a clínica diferencial das psicoses, como também a possibilidade de ordenar a história do pensamento psiquiátrico, Lacan não aderiu ao binarismo causa/sentido de Jaspers. Com efeito, desde sua tese de doutorado em 1932, é possível notar uma tensão no texto de Lacan pela atração e adesão à teoria freudiana. Depois, em 1938, nos "*Complexos Familiares...*", Lacan sustenta que há uma causalidade dos fenômenos psíquicos que não deve ser restrita aos limites da consciência. Finalmente, em 1946, Lacan escreve "*Proposição sobre a causalidade psíquica*" que, como o título indica, acaba por selar a desavença com Jaspers à medida que admite uma causalidade psíquica. Portanto, desde suas primeiras elaborações Lacan demonstra uma preocupação com a noção de causalidade. Inicialmente, Lacan assegura uma causalidade do sentido. Entretanto, é somente nos anos 50 que a noção de causalidade passa a ser pensada a partir da teoria do significante, fazendo valer, de uma vez por todas, a descoberta de Freud que nunca aderiu à dicotomia entre causa e sentido. (LEGUIL, 1989, p. 7-20).

Entramos, assim, na virada epistemológica que Lacan propicia não só à teoria das psicoses mas à própria psicanálise, tornando possível o surgimento de uma nova teoria do sujeito distante das amarras do psicológico. A complexidade dessas considerações tornaria necessária a escrita de uma outra dissertação. Assim, nos contentaremos em delimitar noções

importantes para a constituição dessa teoria, mas sem escapar ao que for de interesse para circunscrever a noção de enigma.

1.2

A descoberta freudiana - interpretar não é compreender

De fato, Freud não se apropriou da hermenêutica na construção de sua teoria. O fundador da psicanálise era contemporâneo da querela dos métodos, mas se manteve indiferente em relação à discussão entre ciência do espírito e ciência da natureza. Tal indiferença revela a posição epistemológica de Freud, pois atesta sua oposição ao dualismo epistemológico, já que considera como ciência somente a ciência da natureza. A singularidade do pensamento de Freud ganha ênfase à medida que se dedica à interpretação dos sonhos, não a partir de uma perspectiva hermenêutica, mas sim, a partir da ambição de incluir a psicanálise nas ciências da natureza. Como já indica o título de sua obra inaugural, "*Die Traumdeutung – A Interpretação dos sonhos*" (1980), Freud utiliza o termo *Deutung* para especificar a interpretação, e não *verstehen*. *Deutung* se distingue de *verstehen* por designar um procedimento intelectual que interpreta fornecendo a causa, eliminando a dicotomia entre explicação e interpretação (ASSOUN, 1983, p.48-50).

Assim, em "A Interpretação dos Sonhos" Freud fundamenta a interpretação a partir do trabalho dos sonhos.

Freud utiliza o conceito de trabalho (*Arbeit*) em alguns momentos cruciais, quais sejam, quando fala do trabalho dos sonhos (*Traumarbeit*), do trabalho do luto (*Trauerarbeit*), do trabalho do chiste (*Witzarbeit*) e do trabalho da perlaboração (*Durcharbeit*). Em todos esses momentos, Freud atesta a especificidade e a importância das formações do inconsciente. Vale ressaltar, porém, que o sonho possui uma posição privilegiada na sua obra, pois é um marco

na teoria metapsicológica na medida em que o trabalho do sonho apresenta o trabalho do inconsciente. Nesse sentido, podemos dizer que "*a língua dos sonhos é a do inconsciente*". (DIAS, 2000, p. 2).

O trabalho do sonho constitui-se, essencialmente, no processo de deformação (*Entstellung*) do conteúdo latente em conteúdo manifesto. Freud interessa-se pelo mecanismo dessa distorção. Assim, não se interessa simplesmente pelo conteúdo latente, como o que estando encoberto, deve ser revelado como conteúdo manifesto. Freud nos propõe um raciocínio mais sutil. Devemos nos ater ao mecanismo presente no processo de transformação do conteúdo latente em manifesto. Ao operar dessa forma, retiramos a importância de se desvelar um sentido que *a priori* encontra-se encoberto e que possui uma significação nele mesmo e o deslocamos para um trabalho que não se reduz nem a uma significação prévia do conteúdo latente, nem a uma significação prévia do conteúdo manifesto. O que interessa é a operação pela qual se define o trabalho dos sonhos ao produzir um sentido que não se esgota num sentido já determinado. Dessa forma, Freud inaugura um modo de interpretação distinto da hermenêutica.

Com efeito, quando Freud não adota o dualismo epistemológico caracterizado pela oposição entre ciência do espírito e ciência da natureza, ele se filia ao reducionismo epistemológico formulado por Bois-Reymont, com apoio de Brucke - um dos mestres de Freud. O reducionismo epistemológico estabelece que somente o estudo dos mecanismos físico-químicos pode ser objeto legítimo da ciência, já que somente as ciências naturais merecem a designação de ciência. Nessa perspectiva, não há lugar para o dualismo mente/corpo, abolindo, assim, qualquer teoria que tivesse como objeto a investigação da mente, e com ela todos os métodos que não fossem caracterizados pela objetividade estabelecida pelas ciências naturais. Nesse sentido, métodos como a introspecção ou a

interpretação baseada na compreensão não eram considerados científicos. Como Freud foi adepto do reducionismo epistemológico, seu edifício teórico foi construído com a ambição de ser inserido no programa das leis físico-químicas, não aderindo a uma psicologia compreensiva, como salientamos anteriormente. Entretanto, se Freud foi um bom filho de seu tempo, ancorando-se até as últimas consequências no positivismo imperioso de sua época, sua investigação teórica e o desafio de sua prática o forçaram a avançar além do seu tempo. O seu objeto, o inconsciente, não se enquadrou sem rebeldia nos conceitos fisicalistas, levando muitas vezes à subversão desses conceitos e à criação de uma teoria que não podia ser limitada por esse paradigma. Como nos diz Paul-Laurent Assoun:

“Se a lembrança dos predecessores permaneceu no estágio modesto de “histórico”, foi justamente pelo fato de não seguir até o fim, em seus efeitos complexos, a filiação de Freud à episteme de seu tempo. Donde nossa impressão de que precisamos dar um salto arbitrário para passar da origem de Freud à sua plena realização. Passamos, sem termos compreendido muito bem mediante que mágica, de um Freud profundamente mergulhado nos desafios de seu tempo, filho dócil de seu saber, ao Freud emancipado que se tornou, ele mesmo, fundador da psicanálise.” (ASSOUN, 1989, p. 14).

O texto de Freud revela, assim, uma inquietude e tensão, inerentes à sua novidade teórica. O próprio conceito de inconsciente inaugura um determinismo fora das fronteiras de uma psicologia baseada na noção de compreensão, mas que também não pode ser abarcado pelo reducionismo fisicalista.¹

Será preciso, então, um outro referencial teórico que possa recolher as inquietações teóricas de Freud para lhe oferecer uma outra possibilidade de fundamentação. Acreditamos ser essencial a virada epistemológica que Lacan produz ao trazer a teoria da linguagem para fundamentar a psicanálise.

¹ Para aprofundar essa discussão ver Assoun (1983) e o texto de Iannini (2000) "A escritura do sonho de Freud".

1.3

Lacan e a teoria do significante - novo fundamento epistemológico para as psicoses

Para compreendermos o paradigma de linguagem usado por Lacan utilizaremos o livro “*A obra clara...*” de Milner (1996), pelo seu rigor em apresentar a teoria de Lacan.

Primeiramente, faremos um breve comentário sobre o contexto em que se produzem as elaborações lacanianas.

A teoria lacaniana do significante está intimamente articulada à ciência moderna, que tem como eixo principal a física matemática de Galileu e como uma característica central a eliminação das qualidades de todo existente a partir da matematização do mundo empírico proposta por esse cientista (MILNER, 1996, p.28-44).

A matematização do mundo empírico, por sua vez, se distingue da matemática presente na *episteme* antiga, por não se aplicar somente a objetos perfeitos e imutáveis e sim, a tudo que é mutável e contingente. Milner nos esclarece que a *episteme* antiga se caracteriza pela demonstração da razão pela qual um objeto não pode ser diferente do que ele é. A matemática é soberana na *episteme* antiga porque propõe o modo mais depurado da demonstração, já que os objetos tratados por ela - números e figuras - são os que chegam mais perto do eterno e do perfeito. O empírico, em oposição, apreende o mais diverso, sendo rebelde à matematização. Se a matemática antiga capta o que quer que seja na mutabilidade e diversidade do empírico, é para abarcar o que há nele de necessário e eterno. Muito diferente é a matemática na ciência moderna, na medida em que ela se aplica ao empírico em sua radical contingência, ou seja, em sua mutabilidade e diversidade. Dessa forma, nenhum objeto é privilegiado por ser perfeito e imutável. Pelo contrário, nada no universo é exceção como objeto privilegiado do conhecimento do homem (MILNER, 1996, p.28-44).

A ciência moderna é de fundamental importância para a teoria do significante e do sujeito em Lacan. Todavia, só entenderemos seu alcance se considerarmos o modo pelo qual Lacan se inscreveu no programa estruturalista e como o estruturalismo, por sua vez, se articulou à ciência moderna (MILNER, 1996, p.74-82).

O estruturalismo construiu, para além do modelo de sua época, uma figura de ciência. No momento em que a ciência moderna somente legitimava uma ciência matematizada dos objetos quantificáveis, o estruturalismo reclamou para si uma ampliação da matematização em duas vertentes principais que irão diferenciá-lo do modelo de ciência até então existente. A primeira delas diz respeito ao fato do estruturalismo se dedicar a objetos humanos, sendo nesse sentido que a oposição entre natureza e cultura lhe é essencial. A segunda propõe um entendimento novo da matematização, já que esta não se refere à medida, mas sim à literalização² e à dissolução não quantitativa do qualitativo (MILNER, 1996, p.74-75).

É sabido que a ciência moderna se distingue da física aristotélica por procurar eliminar as qualidades sensíveis dos objetos. Essa proposta torna possível a literalização do mundo empírico, fazendo com que as proposições matematicamente literalizadas sejam primeiras. O que é novo no estruturalismo, em sua inserção no programa da ciência moderna, é o fato dessa matematização estar desvinculada de qualquer necessidade de quantificação. Um exemplo importante é o fonema, que não é entendido por uma qualidade sensível intrínseca, mas somente na relação com outro fonema. Desse modo, o estruturalismo em lingüística é também um método de redução das qualidades sensíveis (MILNER, 1996, p.77).

Assim, o estruturalismo vai mostrando que é legítimo estender a matematização a objetos até então nunca matematizados. O principal objeto dessa empreitada epistemológica é

² A literalização pode ser entendida como um modo de apreensão do mundo empírico em caracteres matemáticos, ou seja, em fórmulas matemáticas através da letra. Para aprofundar essa questão ver MILNER, "O doutrinário da ciência". In: *A obra clara. Lacan, a ciência e a filosofia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 1996.

a linguagem, pois é ela que separa o humano da natureza. Podemos dizer que o estruturalismo é uma das mais grandiosas realizações teóricas que tem como objetivo o estudo da natureza e do humano com a mesma precisão. Essa aproximação é decorrente de um galileísmo ampliado que inclui a cultura baseada em caracteres materiais. Entretanto, esses caracteres não são os da medida, mas sim de um cálculo dissociado da quantidade. Por essa razão, a matemática proposta pelo estruturalismo propõe uma radicalização da literalização (MILNER, 1996, p.78-79).

O estruturalismo se constitui em três teses minimalistas:

- 1) minimalismo da teoria: uma teoria deve usar o mínimo de axiomas e conceitos iniciais para obter um poder descritivo máximo;
- 2) minimalismo do objeto: conhecemos uma língua se nos impusermos considerar somente as propriedades mínimas que a tornam um sistema decomponível em elementos eles mesmos mínimos;
- 3) minimalismo das propriedades: um elemento de um sistema tem por únicas propriedades aquelas que são determinadas pelo sistema.

Para entendermos as teses acima é preciso nos atermos à definição de sistema.

A definição de sistema é decorrente de Saussure. Este nos diz que existe sistema se e somente se existir diferença. O nome do sistema reduzido em sua relação mínima é estrutura. Em decorrência disso, um elemento do sistema só subsiste, enquanto elemento, como um termo numa relação de diferença. Assim, a diferença é dada primeiramente, sendo ela que autoriza as propriedades dos elementos do sistema. A lingüística estrutural lida, dessa forma, com a noção da diferença pura (MILNER, 1996, p. 82; 84).

Lacan recorre às teses estruturalistas para propor um novo entendimento do inconsciente como o funcionamento de um sistema ao qual se deve supor o mínimo de propriedades, ou seja, aquelas atribuíveis somente numa relação de diferença.

Um sistema reduzido a suas propriedades mínimas recebe o nome de cadeia, sendo que esse termo alude ao minimalismo do sistema.

Entretanto, Lacan, ao teorizar sobre o inconsciente, propõe algumas nuances ao estruturalismo. Quando enuncia que o inconsciente é estruturado como uma linguagem, ele introduz uma consideração única entre os estruturalistas. Ao dizer "o inconsciente é estruturado como **uma** linguagem", Lacan poderia ter introduzido uma tautologia, já que em qualquer estrutura os elementos têm propriedades mínimas, definidas somente pela relação de oposição. Assim, qualquer estrutura seria definida como uma linguagem. Entretanto, para Lacan, nem tudo é estrutura. Portanto, deve haver uma propriedade estrutural determinada, que definindo uma estrutura qualquer, distinguirá tudo que é estrutura daquilo que não é. Segundo Milner, Lacan foi o único estruturalista a enfatizar que "*a estrutura qualquer tem propriedades não quaisquer*". (MILNER, 1996, p.85).

Um dos teoremas dessa teoria explicita que entre as propriedades mínimas, que distingue tudo aquilo que é estrutura daquilo que não é, está a emergência do sujeito.

Para Lacan o sujeito é definido em sua relação com o significante, como bem diz sua famosa frase "*um significante representa um sujeito para outro significante*". (LACAN, 1998, p.829). Temos, então, a definição de sujeito e significante intimamente articulada. Essa definição nos permite pensar uma relação ternária que nos possibilita escapar do determinismo binarista de algumas teorias da representação. Um significante não tem qualidades ou propriedades em si mesmo, sendo a única propriedade a oposição a outro significante. Todavia, a emergência do sujeito garante a radicalidade de que um significante

em si não representa nada. Um significante só pode representar para outro significante o sujeito, que articulado a um sistema de propriedades mínimas, é ele também sem qualidades. Assim, para Lacan o sujeito freudiano só pode ser pensado a partir da ciência moderna por ser um sujeito desprovido de qualidades. Por conseguinte, o sujeito não se confunde com o indivíduo empírico, nem tampouco com o Eu, mas tem sua definição intimamente articulada à teoria do significante.

Não temos a pretensão de abarcar toda a importância dessas elaborações lacanianas. Interessa-nos assinalar que na linguagem não há nada de necessário que vincule o significante a um referente, nem que garanta a fixidez de uma significação. Dessa forma, a teoria do significante permite colocar toda forma de compreensão hermenêutica em questão e abre novas perspectivas para pensar a questão da significação, na medida em que o sentido é efeito da combinatória significante, distanciando da associação significante/significado proposta por Saussure. A diferença entre sentido e compreensão implícita na teoria do significante permite a introdução da categoria de enigma enquanto um fenômeno de significação totalmente desvinculado da idéia de compreensão tal como a conhecemos na psicopatologia fenomenológica.

Veremos a seguir, de maneira ainda geral, como essas considerações são de especial importância para a teoria das psicoses. Vale ressaltar que nesse capítulo temos como objetivo apenas a contextualização da teoria das psicoses na qual a noção do enigma se inscreve nos textos dos anos 50. Portanto, vários pontos presentes nesse capítulo serão trabalhados de forma mais detalhada nos capítulos seguintes.

1.4 **Teoria do significante e psicose**

Os anos de 1956 a 1958 são caracterizados por uma intensa produção de Lacan, que tem como importante efeito, dentre outros, uma nova delimitação do campo epistemológico na teorização acerca das psicoses. Os principais textos desse período são *"O Seminário. Livro III: as psicoses"* de 1955-6, *"De uma questão preliminar a todo tratamento possível das psicoses"* de 1958 e *"O Seminário. Livro V: as formações do inconsciente"* proferido entre os anos de 1957-8. Nesses textos, Lacan inclui as psicoses no campo da linguagem, libertando-as do engodo da compreensão e do mito orgânico que lhes é correlato. A relação com a linguagem é o que aproxima neurose e psicose e também as diferencia.

Em *"O Seminário. Livro III: as psicoses"*, Lacan não tinha formulado a metáfora paterna e, conseqüentemente, o significante Nome-do-Pai. Todavia, já estabelece como elementos centrais para o diagnóstico estrutural das psicoses a dissolução imaginária e os fenômenos de linguagem, sendo esses últimos eleitos como fundamentais na causalidade das psicoses.

"Já que não conhecemos o sujeito Schreber, devemos de qualquer maneira estudá-lo através da fenomenologia de sua linguagem. É pois, em torno do fenômeno da linguagem, dos fenômenos de linguagem mais ou menos alucinados, parasitários, estranhos, intuitivos, persecutórios de que se trata no caso Schreber, que vemos esclarecer uma dimensão nova na fenomenologia das psicoses." (LACAN, 1956-7, 1988, p. 120)

Lacan não desconsidera os fenômenos imaginários. Ao contrário, dá especial ênfase, como já dissemos, à dissolução imaginária presente no desencadeamento, mas os efeitos do imaginário estão submetidos à lei do significante.

Tais considerações ficam mais claras com a teorização presente no texto dos Escritos *"De uma questão preliminar a todo tratamento possível das psicoses"* e em *"O Seminário. Livro V: as formações do inconsciente"*.

No pós-escrito do texto *"De uma questão preliminar..."* , Lacan esclarece que é preciso considerar, preliminarmente, ou seja, como ponto de partida na teorização acerca das psicoses, não um déficit na capacidade associativa do Eu, como queria a tradição psiquiátrica de Bleuler, mas sim a falha que se apresenta na estrutura do inconsciente a partir da ausência de um significante privilegiado, o significante Nome-do-Pai. Desse modo, o significante Nome-do-Pai passa a ser a pedra angular no diagnóstico diferencial entre neurose e psicose.

"É (...) na forclusão do Nome-do-Pai no lugar do Outro e no fracasso da metáfora paterna, que apontamos a falha que confere à psicose sua condição essencial, com a estrutura que a separa da neurose". (LACAN, 1998, p. 582).

Mas a forclusão e, conseqüentemente, o diagnóstico diferencial entre neurose e psicose não é um dado da observação. A forclusão é uma hipótese causal a partir da qual Lacan confere uma causalidade significativa aos fenômenos da psicose. Assim, os fenômenos são tratados como efeitos da forclusão do significante Nome-do-Pai, sendo o diagnóstico diferencial resultado da delimitação desses efeitos.

Para entendermos a forclusão do Nome-do-Pai, é preciso primeiramente entender de que se trata esse significante privilegiado que é o Nome-do-Pai.

Em *"O Seminário. Livro V: as formações do inconsciente"* no capítulo "A forclusão do Nome-do-Pai", Lacan faz algumas considerações acerca da teoria do impasse das significações como determinante nas psicoses. Lacan não se contenta com essa explicação, questionando-se sobre o que funda a significação.

As considerações de Lacan não nos deixam menos embaraçados, já que o que funda a significação não depende somente do significante, mas também de algo mais que confere autoridade à Lei (LACAN, 1957-8, 1999).

A Lei interessa a Lacan na medida em que se articula no campo do significante.

"O que autoriza o texto da Lei basta por estar ele mesmo no nível do significante. Trata-se do que chamo o Nome-do-Pai, isto é, o pai simbólico. Esse é um termo que subsiste no nível do significante e que no Outro como sede da Lei representa o Outro. É o significante que dá esteio à Lei, que promulga a Lei. Esse é o Outro no Outro". (LACAN, 1957-8, 1999, p. 152).

Assim, para que haja a significação, a produção de sentido, não basta somente o significante, mas algo a mais que na ordem da linguagem garanta a articulação dos significantes - o texto da Lei, a tecitura dos significantes - e, conseqüentemente, a produção da significação.

Essa ordenação mínima entre os significantes é garantida pelo Nome-do-Pai, significante privilegiado que garante a articulação entre os significantes. Essa consideração é sutil, pois o tipo de articulação feito pode ser questionado - Lacan assim como Freud privilegiou o mal entendido - mas não a condição de que deve haver uma articulação. O Nome-do-Pai garante a ordem, a estrutura significante, ou seja, a relação diferencial entre os termos que é o que possibilita o engendramento de significações.

Na mesma perspectiva, Teixeira (2000), em seu texto *"Foraclusão generalizada: como é possível não ser louco"*, nos explica a não vinculação necessária entre significante e referente a partir da problematização da constituição da realidade na neurose e psicose. Para que o sujeito seja integrado à realidade é preciso acrescentar à estrutura da linguagem um suplemento normativo que a torne apta a referir, instituindo um vínculo entre significante e referente. A constituição da realidade depende da eleição arbitrária de um significante mestre, exigindo do sujeito à adesão a uma norma que não tem razão de ser. Assim, a base ilógica do assentimento deve ter inquestionavelmente razão por ser o que torna possível o julgamento factual sobre a verdade e o erro.

Dito isso, é possível pensar nos efeitos da não operação da metáfora paterna decorrente da ausência do significante Nome-do-Pai. Dentre eles, o enigma na psicose é de especial importância.

A experiência enigmática é um fato da psicose que não recebeu essa denominação no campo freudiano. É Lacan, a partir do isolamento dos fenômenos elementares feito pelos fenomenólogos, quem irá atribuir uma ênfase fundamental à noção de enigma na psicose. A noção de enigma não tem uma conotação unívoca na obra lacaniana. Segundo Eric Laurent (1993) em seu texto “*Trois énigmes: la sens, la signification, la jouissance*”, podemos situá-la segundo três grandes referências. A primeira situa-se no texto “*Sobre a causalidade psíquica*” definindo o enigma a partir do sentido. A segunda define o enigma em sua relação com as leis da linguagem, tendo como referência o período compreendido desde a produção do texto “*Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise*” à “*Questão preliminar a todo tratamento...*”. E, finalmente, a terceira vai desde o prefácio dos escritos do presidente Schreber no “*Cahiers pour l’analyse*” em 1967 até “*Joyce-le-symptôme*” em 1975.

Nesta dissertação proponho fazer algumas elaborações acerca do modo como a noção de enigma está presente no bojo da teoria lacaniana do significante. Tal percurso nos possibilita verificar como essa noção permite delimitar questões importantes que levaram Lacan a pensar o simbólico na articulação com o real. Nessa perspectiva, veremos como o estudo da noção de enigma a partir da teoria da linguagem dos anos 50, nos vai direcionando para perguntas sobre o limite da teoria do significante para tratar do que se passa na psicose, o que abrirá novas perspectivas para se pensar a teoria do significante. Nesse sentido, a teoria da letra e as novas elaborações sobre o sentido passam a ser de especial importância. Não pretendo examinar a teoria da letra nem tampouco as elaborações sobre o sentido presentes nos textos mais tardios de Lacan, mas tão somente mostrar como o estudo da noção de enigma

na psicose nos coloca questões importantes à teoria do significante, já que nos remete à aparição do significante no real.

A psicose é pensada por Lacan a partir da ausência do significante fundamental, Nome-do-Pai, que é o significante do Outro como lugar da Lei. O significante que permite a articulação entre os significantes e a conseqüente produção de uma significação está foracluído, dando espaço para a experiência enigmática.

Uma noção que perpassa a elaboração de Lacan sobre as psicoses diz respeito ao fato de que os fenômenos elementares têm a mesma estrutura do delírio. Não comunga, assim, com a noção proveniente da psiquiatria em que os fenômenos elementares referem-se a uma dissolução de uma síntese ou de uma continuidade de caráter ou constituição. Entende os fenômenos elementares e toda sua imposição de estranheza, confusão, obscurecimento à luz da foraclusão do Nome-do-Pai. Lacan elege como os efeitos paradigmáticos o que ele nomeou em "*O Seminário. Livro V: as formações do inconsciente*" como duas grandes categorias de vozes e alucinações (LACAN, 1957-8, 1999, p. 161). São eles os fenômenos de código e de mensagem testemunhados por Schreber. Nos fenômenos de código apresenta-se a língua fundamental em que há a emissão, a partir do Outro, de elementos originais do código que guardam em si o total das significações, mas que ao serem desvinculadas uma das outras evidenciam seu caráter enigmático, pois não produzem nenhum outro tipo de significação. Já nos fenômenos de mensagem, a mensagem só se manifesta na dimensão pura e rompida do significante como algo que só comporta uma significação para além de si mesmo. Em ambos, não há a articulação mínima entre dois significantes que poderiam garantir o deslizamento da cadeia significante, o que denuncia a ausência do significante Nome-do-Pai como princípio articulador.

Para entendermos a experiência enigmática temos que diferenciar dois momentos. No primeiro momento, é colocada em relevo a suspensão da significação, o vazio da significação que é decorrente, em última instância, da ausência do significante Nome-do-pai e, ao conseqüente vazio deixado no lugar da significação fálica, como veremos no terceiro capítulo. Já no segundo momento, é enfatizado o caráter de certeza, de densidade que os significantes passam a possuir por não estarem articulados segundo uma ordem simbólica (WACHSBERGER, 1993). Essa desarticulação da cadeia significante nos faz pensar na aparição do significante no real na medida em que não há uma articulação mínima que garantisse a ordem simbólica. Os significantes aparecem isolados um dos outros, possuindo um peso próprio, uma espessura, justamente por não estarem inseridos numa cadeia.

Assim, o que constatamos nesses dois fenômenos é a desarticulação da cadeia significante pela ausência de um significante primordial e a presença de um significante que quer dizer alguma coisa, mas não se sabe o quê, sendo, portanto, portadores de uma significação intransitiva, de significação de significação.

Nessa perspectiva, Jacques Allain Miller (1997) em seu texto "*De la surprise à l'enigme*" nos oferece considerações elucidativas acerca do enigma.

Desde a "*Instância da letra no Inconsciente...*" (1998), Lacan trabalha com a articulação causal entre significante e significado, sendo que este último aparece em função do primeiro. O enigma coloca justamente em questão a relação entre o significante e o significado. Ele constitui uma ruptura da relação entre os dois. Colocando-a a prova, ele denuncia a não relação necessária entre os dois. O enigma é qualquer coisa reconhecida como significante, como algo que quer dizer alguma coisa, mas que não sabemos o que é. Dessa forma, o enigma cliva o espaço semântico, aparecendo no lugar da significação, um vazio. Esse vazio não é absoluto, já que se produz no lugar ao qual não chega uma significação. É o

que podemos definir como significação de significação. "*É a pura intencionalidade do significante, é um puro isso quer dizer...*" (MILLER, 1997, p. 15)

Entretanto, é preciso marcar a diferença feita entre psicose e neurose. Miller nos diz que na neurose, a desarticulação momentânea que se faz entre significante e significado é seguida de surpresa, o que abre para um próxima significação. Já na psicose essa desarticulação produz o enigma, sendo este seguido de certeza. Quanto mais o significante não é passível de decifração, maior seu efeito de certeza.

Essas considerações de Miller parecem nos conduzir ao que vamos delimitar como essencial na noção de enigma, isto é, a articulação do significante com o real, que se expressa na presença de significantes que não são dialetizáveis, pois carregam uma fixidez e não entram em oposição com outros significantes. Dessa forma, apesar da experiência enigmática ser isolada por Lacan a partir dos fenômenos alucinatórios de código e mensagem do presidente Schreber, ela nos permite ampliar nossa reflexão na medida em que podemos pensar na articulação do significante no real. A noção de enigma, portanto, não se restringe aos fenômenos alucinatórios paradigmáticos, mas pode abarcar outros efeitos de linguagem em que a não articulação dos significantes na cadeia é fundamental.

CAPÍTULO 2

O ENIGMA E O BURACO NO SIMBÓLICO

Como vimos no capítulo anterior, a noção de enigma parece ser um dos pontos privilegiados por Lacan para tematizar a estrutura dos fenômenos psicóticos, já que está intimamente articulada à teorização das psicoses a partir da perspectiva da linguagem. Foi por essa razão que parti da contextualização das bases epistemológicas da teoria lacaniana das psicoses, para depois tratar mais proximamente dos pontos específicos de seu argumento e entender a construção da noção de enigma. Assim, podemos distinguir três momentos privilegiados no ensino de Lacan sobre as psicoses. Num primeiro momento, temos o artigo dos *Escritos* "Resposta ao Comentário de Jean Hyppolite sobre a 'Verneinung' de Freud" (1998). Nesse artigo a *Verwerfung* - rejeição - é definida como o mecanismo de defesa das psicoses. Nessa perspectiva, a *Verwerfung* atesta o retorno no real daquilo que não teve uma primeira inscrição simbólica. Num segundo momento, temos as elaborações presentes em "O Seminário. Livro III: as psicoses" (1955-6, 1988), no qual os fenômenos psicóticos - delírio e alucinação - são estudados a partir da rejeição de um significante primordial. Finalmente, somente num terceiro momento, teremos em "De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose" (1998) e em "O Seminário. Livro V: as formações do inconsciente." (1957-8, 1999) a formulação da forclusão do Nome-do-Pai como essencial às psicoses, o que será nosso tema de discussão no capítulo seguinte. Como veremos, embora a noção de enigma seja formulada apenas em "O Seminário. Livro III: as psicoses" e nos dois últimos textos citados,

encontramos elementos teóricos importantes à construção dessa noção já no texto dos *Escritos* sobre a *Verneinung*- negação.

Neste capítulo, irei acompanhar ao longo do escrito "*Resposta ao Comentário de Jean Hypollite...*" e de "*O Seminário. Livro III: as psicoses*", as concepções teóricas acerca da psicose que irão esclarecer porque a noção de enigma é central nessa teorização.

2.1

O enigma e a *Verwerfung* - A abolição simbólica e o retorno no real

Embora a noção de enigma não esteja formulada nas primeiras elaborações lacanianas sobre a *Verwerfung*, é possível notar considerações importantes que estarão presentes nos outros textos de Lacan e que servirão de base para entendermos a construção da noção de enigma.

Nesse sentido, faremos um percurso ao longo das elaborações presentes no texto dos *Escritos* "*Resposta ao Comentário de Jean Hypollite sobre a *Verneinung* de Freud*", em que Lacan trabalha a noção de *Verwerfung*. Entretanto, para acompanharmos a teorização lacaniana, é necessário fazermos uma leitura atenta das considerações de Freud no texto "*Die Verneinung*" (1988).

O artigo de Freud de 1925, "*Die Verneinung - A negação*", apresenta considerações importantes não somente acerca da metapsicologia, como também da técnica da psicanálise. Como nos diz a nota do editor inglês a esse artigo, vários dos pontos discutidos por Freud já fazem parte das reflexões teóricas acerca de sua clínica, tanto no que se refere à interpretação quanto no que diz respeito à constituição do aparelho psíquico.

Freud inicia o texto com um fragmento clínico em que uma negação remete em última instância a uma afirmação. Assim, quando o paciente diz "*não é minha mãe*" devemos escutar "*é minha mãe*". Nessa perspectiva, um pouco mais adiante no texto, Freud nos diz que o que é confessado pelo paciente como o mais inverossímil e estranho, pode ser justamente o que deve ser dito.

Com efeito, a operação da negação passa a ser privilegiada nas considerações das relações entre o recalcado e o retorno do recalcado na consciência. Freud diz que um conteúdo da representação ou pensamento recalcado pode entrar na consciência com a condição de que se deixe negar. Tal operação é uma forma de ter conhecimento do recalcado apesar de não haver uma aceitação do mesmo. Há, assim, uma suspensão do recalque, mas nenhuma aceitação do recalcado, tendo como consequência um modo de aceitação intelectual do recalcado, sem afetar o essencial do recalque. Essa afirmação de Freud, como veremos adiante, é fundamental à reflexão desenvolvida no texto.

A argumentação freudiana prossegue com a apresentação de uma elaboração densa acerca do juízo. Freud já havia se preocupado com essas questões em vários textos importantes, como na "Interpretação dos Sonhos" (1900) e "Projeto para uma Psicologia Científica" (1905). De fato, a discussão sobre o juízo remete a questões fundamentais da clínica, como a relação do aparelho psíquico com a regulação econômica presente na realização de desejo, fundamental para constituição desse aparelho, e que, de certa forma, determinará sua relação com a realidade.

Freud nos diz que a tarefa do juízo é negar ou afirmar conteúdos do pensamento, sendo a função do negar intimamente ligada a uma afirmação do recalcado.

Mas para entendermos tal tarefa, Freud nos propõe uma teoria da gênese do juízo. Assinala, então, que o juízo deve essencialmente tomar duas decisões. Deve atribuir ou negar

a qualidade a alguma coisa e deve conceder ou impugnar a existência de uma representação na realidade. Podemos, assim, classificar o juízo, para efeito de entendimento, respectivamente, em juízo de atribuição e juízo de existência.

O juízo de atribuição ecoa a linguagem pulsional mais primitiva *do quero incorporar* ou *quero expulsar*, sendo o externo o equivalente ao que foi expulso. Curiosamente, o juízo de existência assenta-se sobre o juízo de atribuição, já que o julgamento da realidade só se faz a partir do que foi introjetado no aparelho psíquico como representação. Encontrar um objeto na realidade é na verdade reencontrá-lo, já que um objeto só existe na realidade se primeiramente estiver marcado no aparelho psíquico como representação.

Finalmente, Freud termina seu texto dizendo que o julgar atesta o surgimento de uma função intelectual a partir do jogo pulsional. O julgar é uma evolução do que era admitido pulsionalmente como inclusão e expulsão. A afirmação é um substituto da pulsão de vida enquanto a negação é uma sucessão da expulsão, expressão da pulsão de destruição. A complexidade deste trecho pode suscitar diferentes reflexões. Todavia, apresentaremos um eixo de análise que consideramos importante para apreender a coerência do texto.

Freud, já no início de seu artigo, propõe uma articulação entre a negação, o juízo e o recalçamento: "*negar algo no juízo significa no fundo: isso é algo que preferiria recalcar*". (FREUD, 1988, p.297).

Essa afirmação nos leva a pensar que negar algo no juízo é uma sucessão da expulsão, apresentando uma forma de ratificar a presença do recalçado, não se confundindo então, com uma pura expulsão. Sendo a negação uma expressão do juízo, podemos entender que ela tem sua raiz no juízo de atribuição que se constitui como uma apropriação do objeto. Desde o "Projeto para uma psicologia científica", essa apropriação se estabelece com uma primeira inscrição no aparelho psíquico que determinará, a partir da primeira experiência de satisfação,

a regulação do aparelho psíquico pelo princípio de prazer pautada na realização de desejo. Assim, a negação está suportada numa matriz simbólica, ou seja, numa primeira afirmação, marca da operação de recalque. Dessa forma, a criação do símbolo da negação permite uma forma de escapar do recalque, mas dentro dos limites possibilitados pelo mesmo.

Como já disse, um artigo tão complexo sugere algumas possibilidades de leitura. Acredito que a leitura apresentada possa ter revelado um eixo importante de articulação das idéias de Freud, principalmente se nos remetermos a outros textos do autor. Apesar de achar possível encontrar elementos no próprio texto freudiano, acredito que a leitura lacaniana nos indica caminhos precisos nessa direção.

Lacan comentou o artigo de Freud em momentos importantes de seu ensino. Vamos percorrer um de seus textos dos *Escritos* “Resposta ao Comentário de Jean Hyppolite...” por sua importância para o diagnóstico estrutural entre neurose e psicose.

Como o próprio nome indica, o artigo refere-se a um comentário do filósofo Jean Hyppolite ao texto de Freud.

Em seu texto, Jean Hyppolite faz considerações importantes. Primeiramente, assinala o termo *Alfhebung*, usado por Freud quando este fala que a negativa é uma suspensão do recalque. O termo *Alfhebung* abarca uma variedade de sentidos como suprimir, abolir, mas também conservar. Para Hyppolite, um filósofo hegeliano, a suspensão apresentada na negativa constitui uma forma de afirmar, apresentando-se num outro nível de elaboração. O recalque, assim, continua a subsistir na negação.

Nessa perspectiva, apresenta seu eixo de argumentação a partir da consideração de Freud segundo a qual na negação, o intelectual separa-se do afetivo. Para o autor do comentário, Freud fala de um momento constitucional, em que a expulsão, pura expressão do que há de mais primitivo, dá lugar à negativa, forma superior de negação, já que não revela

uma pura destrutividade e sim, uma forma de suspensão de um conteúdo, o que é expressão da própria gênese da inteligência, da função de simbolização ou pensamento. A negativa, assim, expressa a própria constituição do juízo tanto de atribuição quanto de existência, que é, por sua vez, a evolução de um primeiro mito do fora/dentro.

"Há, pois, nesse texto de quatro ou cinco páginas de Freud (...) a possibilidade de ver o intelectual dissociar-se como ato do afetivo; por fim e acima de tudo, uma gênese de tudo aquilo que é precedente no nível do primário e por conseguinte, a origem do juízo e do próprio pensamento (sob a forma de pensamento como tal, pois o pensamento já está lá bem antes, no primário, mas não está ali como pensamento), captado por intermédio da denegação." (HYPPOLITE, 1998, p. 902).

Não é sem razão a importância dada por Lacan a esse comentário encomendado por ele a Hyppolite. Lacan está no auge de sua empreitada para assentar o campo epistemológico da psicanálise na linguagem, o que terá consequência direta na teoria das psicoses, como ele bem salientará no desenvolvimento de seu artigo. Apesar de não haver ainda nesse momento a teoria da forclusão do Nome-do-Pai, o artigo de Lacan apresenta considerações fundamentais para pensarmos a diferença entre neurose e psicose. Além disso, é possível encontrar noções importantes sobre o modo como a fala se processa quando há ou não recalçamento, o que será importante para trabalharmos a noção de enigma como fratura na significação.

Lacan salientará, juntamente com Hypolite, que o julgar é essencialmente uma função simbólica. Segundo esses autores, tanto no juízo de atribuição quanto no juízo de existência, de que nos fala Freud, o que está em jogo é a marca da linguagem na constituição do aparelho psíquico.

A negação, para Lacan, desvela a estruturação discursiva - chamada por Freud de intelectual - que está nas bases da constituição do aparelho psíquico em sua relação com o objeto da experiência de satisfação. Para Freud, a experiência de satisfação marcará a impossibilidade de reencontro com o objeto. Este estará para sempre perdido, já que o

aparelho psíquico procurará repetir a satisfação a partir do investimento do traço minêmico do objeto, ou seja, de uma inscrição psíquica e não do objeto mesmo. Podemos entender, assim, o que Lacan nos diz sobre a morte da coisa e a constituição do sujeito no Outro da linguagem a partir da alienação significante. A negação só é possível a partir de uma afirmação primordial, ou seja, a partir de uma inscrição primordial sem a qual não poderíamos falar sequer na estruturação do sujeito. Além disso, Lacan ressalta que a negação não está articulada somente à afirmação de uma primeira inscrição, mas também a uma suspensão do afirmado. De fato, no primado da linguagem não há uma relação biunívoca entre significante e significado, sendo este último produto da articulação significante. Assim, a negação atesta o campo privilegiado da linguagem, na medida em que acena para a possibilidade de uma afirmação diferente do que havia até então.

Para Lacan, a negação se diferencia da expulsão, por estar na mediação entre o simbólico e o real. Este é concebido por Lacan nesse texto como aquilo que na expulsão constitui-se como radicalmente fora da simbolização. Já a negação constitui a forma, por excelência, de uma mediação simbólica se diferenciando do que resta como real.

Ao prosseguir sua argumentação, Lacan enfatiza a importância dessas questões para compreendermos a castração como um eixo de análise estrutural da diferença entre neurose e psicose. É possível apreender essa diferença se entendermos os dois mecanismos, respectivamente, fundamentais às duas estruturas, quais sejam, a *Verdrangung* (recalcamento) e a *Verwerfung* (rejeição), fazendo uma articulação com o que está sendo teorizado acerca da *Verneinung* (negação).

O episódio de alucinação do caso “homem dos lobos” é o paradigma para se pensar na ausência do recalcamento. Lacan utiliza-se da famosa frase freudiana “ele não quer saber

nada disso no sentido do recalque” como expressão da exclusão do simbólico como aquilo que subsiste fora de qualquer simbolização.

“E é por isso que a castração, aqui suprimida pelo sujeito dos próprios limites do possível, mas igualmente subtraída, por isso, das possibilidades da fala, vai aparecer no real, erráticamente, em relações de resistência sem transferência – diríamos, para retomar a metáfora de que nos servimos há pouco, como uma pontuação sem texto.” (LACAN, 1998, p.390)

Assim, a alucinação passa a ser qualificada como aquilo que, abolido no simbólico, retorna no real, diferenciando-se de qualquer fenômeno interpretativo. Para Lacan a alucinação atesta o retorno no real do que, na castração, não foi apreendido pelo simbólico, caracterizando a *Verwerfung*.

A *Verwerfung*, segundo Lacan, opõe-se à *Bejahung* originária, tempo primordial na dialética da *Verneinung*. A *Verwerfung* impede qualquer manifestação simbólica, já que não há uma inscrição primeira que torna possível o juízo de atribuição e, por conseguinte, o juízo de existência, responsável pela constituição de uma realidade.

“Pois quando Freud diz, ele suprimiu a castração, não se pode dizer por isso que tinha sido propriamente formulado nenhum juízo sobre sua existência, mas foi exatamente como se ela nunca tivesse existido”(LACAN, 1998, p. 387)

Lacan avança mantendo a pergunta sobre os efeitos da ausência dessa afirmação originária. Retoma, então, o caso “homem dos lobos” chamando a atenção primordialmente para a impossibilidade desse sujeito falar o que se passara com ele. Assinala, assim, uma diferença importante entre essa impossibilidade de falar e o esquecimento. Para Lacan, não dispor de um significante é radicalmente diferente de se deparar com a estranheza do significado, sendo o significado, aqui, tomado em sua vertente imaginária.

Quando Lacan salienta a impossibilidade de falar da ausência de uma historicidade, ele nos diz de uma abolição simbólica. A *Bejahung* - afirmação - originária, em

contraposição, funda o campo simbólico onde será possível a constituição de uma realidade e de uma articulação da fala a partir da perda do objeto e, por conseguinte, a instauração de uma marca simbólica.

Assim, é “*a hiância de um vazio*” (LACAN, 1998, p. 394), ou seja, a perda do objeto e, conseqüentemente, a radical inadequação de um significante a um referente, que constitui a possibilidade da construção de uma realidade e de uma teia de significantes onde o sujeito poderá transitar.

Se pensarmos o enigma como uma fratura radical da significação, que deixa o sujeito imerso numa estranheza em que também há uma ruptura de qualquer articulação em sua história, podemos pensar o enigma como um efeito de uma abolição simbólica e retorno no real daquilo que não pode ser simbolizado.

Como veremos em "*O Seminário: Livro III: as Psicoses*", Lacan nos oferecerá subsídios teóricos para fundamentar essa hipótese teórica.

2.2

O enigma em *O Seminário. Livro III: as psicoses* - Rejeição de um significante primordial e a questão do Pai

Ao longo das lições de "*O Seminário. Livro III: as psicoses*" é possível notar o desenvolvimento da formalização da teoria das psicoses fundamentada na teoria da linguagem. Nessa perspectiva, a noção de enigma ganha destaque especial, não somente circunscrevendo os momentos cruciais da psicose, como também delimitando fronteiras entre neurose e psicose.

Desde as primeiras lições, Lacan insiste no caráter não necessário da relação entre significante e significado. Desfazendo o binarismo significante/significado, Lacan coloca em

questão a concepção da coincidência do significado com a coisa ou referente e ressalta que tanto o significado como a significação¹ são efeitos da combinatória significante.

Como veremos, a idéia da prevalência do significante vai se tornando cada vez mais clara no seminário, e com ela a construção da noção de simbólico para Lacan. Essas elaborações serão essenciais para a delimitação dos fenômenos psicóticos como produtos de uma falha na constituição do registro simbólico. É nesse sentido que a noção de enigma recebe destaque.

Inicialmente, Lacan privilegia o neologismo presente na língua fundamental do presidente Schreber para colocar em questão a noção corrente de significação como aquilo que detém em si mesma o sentido.

Na psicose, o neologismo, tanto na intuição delirante quanto no ritornelo, ou seja, na sua forma mais plena quanto na mais vazia, nos apresenta uma significação que parece esgotar-se em si mesma. Entretanto, o neologismo presentifica o paradoxo de uma significação, que ao esgotar-se em si mesma, permanece inefável, sem possibilidade de trazer como efeito a produção de um sentido para o sujeito. Como nos diz Lacan, as palavras que constituem o neologismo, se produzem como enigma para o sujeito, pois este está inerte frente ao caráter inefável e paralisante dessas palavras.

"A intuição delirante é um fenômeno pleno que tem para o sujeito um caráter submergente, inudante. Ela lhe revela uma perspectiva nova cujo cunho original e cujo sabor particular ela sublinha, como Schreber quando fala da língua fundamental na qual ele foi introduzido por sua experiência. Ali, a palavra com sua ênfase plena como dizem, a palavra do enigma, é alma da situação". (LACAN, 1955-6, 1988, p. 44).

Após ter delimitado o que se passa na intuição delirante, Lacan afirma que o ritornelo² também produz uma fratura na significação.

¹ Não há uma distinção nítida entre significado e significação nesse seminário.

"Essas duas formas - a mais plena e a mais vazia - param a significação, são uma espécie de chumbo na malha, na rede do discurso do sujeito. Característica estrutural a que, já na abordagem clínica, reconhecemos a assinatura do delírio." (LACAN, 1955-6, 1988, p. 44).

Para Lacan, o fenômeno psicótico da imposição de uma significação inefável ao sujeito é decorrente de uma rejeição do simbólico.

Lacan retoma, então, o comentário de Jean Hypollite para salientar que aquilo que é abolido no simbólico retorna desde fora. Há na psicose um buraco onde deveria ter havido uma inscrição. É por esse motivo que o mecanismo da psicose se diferencia do mecanismo neurótico, o recalque. Não podemos dizer que nas psicoses algo foi recalçado e retorna. A *Behajung* nos coloca que é preciso uma condição para que a simbolização se processe, o que constitui a existência de uma Lei, de uma Lei simbólica. (LACAN, 1955-6, p.180)

Para Lacan, o que não é inscrito é jogado em "trevas exteriores", ou seja, permanece no Real como algo fora de qualquer possibilidade de apreensão pelo sujeito.

"Há portanto, na origem, Bejahung, isto é, afirmação do que é, ou Verwerfung" (LACAN, 1955-6, 1988, p. 98).

Se houver *Bejahung*, está preparado o campo para que o recalque possa acontecer. Lacan parte da premissa de que recalque e retorno do recalçado são coincidentes para marcar que o recalque se constitui na medida em que houver afirmação da articulação simbólica. Assim, mesmo que o recalque se expresse na ruptura da cadeia significante, isso não quer dizer que não esteja presente a exigência de uma articulação significante.

É nesse sentido que ele diz que na neurose uma palavra se articula, enquanto na psicose uma parte da simbolização não ocorreu, fazendo com que alguma coisa de primordial

² Para Lacan, o ritornelo designa a forma que uma significação toma quando ela se torna uma mera repetição, caracterizada por uma insistência estereotipada (LACAN, 1955-6, 1998, p.44).

quanto ao ser do sujeito fique fora da simbolização, sendo, pois, rejeitado e não recalcado (LACAN, 1955-6, 1988, p.99).

Desse modo, Lacan nos diz que aquilo do que se trata na *Verwerfung* é a rejeição de um significante primordial. Essa afirmação é produto das elaborações lacanianas nesse seminário e traz um avanço à delimitação da *Verwerfung* presente no seu texto dos *Escritos* "Resposta ao Comentário de Jean Hypollite..." sobre a *Verneinung*.

Tal formalização permite a Lacan entrar no cerne de sua questão nesse seminário, ou seja, formalizar as psicoses a partir da teoria da linguagem. Essa teoria, por sua vez, como já disse, ganha delimitação precisa com a teorização acerca do significante.

Assim, Lacan pergunta-se sobre o que quer dizer esse significante primordial. Surpreende-nos afirmando que, precisamente, ele não diz nada. O significante primordial responde pela necessidade de que haja uma primeira inscrição simbólica que se faz presente na articulação dos elementos significantes. Para fundamentar sua argumentação, Lacan recorre à "carta 52" de Freud (1980), onde este assinala a necessidade de uma primeira inscrição para que a memória se processe. A memória, ainda segundo Freud, não se dá de uma só maneira e sim, por diversos rearranjos nos diferentes registros. Lacan interpreta o aparelho de memória de Freud como um aparelho de linguagem, já que ele se processa a partir da combinatória de seus elementos, sendo que estes ganham diferentes sentidos segundo os diferentes arranjos, não tendo, pois, qualidade em si mesmos.

Tanto no texto "*Die Verneinung*" quanto na "carta 52", segundo a perspectiva laciana, é necessário admitir uma primeira sinalização, campo do significante primordial, que faz como que tenhamos que supor uma organização pelo menos parcial da linguagem para que a memória e a historização possam funcionar, e mais essencialmente, toda a lógica do *a posteriori* que Freud tanto ressaltou no processo de elaboração de seus pacientes.

"O significante é pois, dado primitivamente, mas ele não é nada enquanto o sujeito não o faz entrar em sua história(...)" (LACAN, 1955-6, 1988, p.180).

Quando não há essa possibilidade, o sujeito é acometido por uma significação que se isola, tornando-se pesada, ganhando um valor e inércia particular que deixa o sujeito paralisado. É o que ocorre com Schreber, na constituição da língua fundamental, no que se refere ao neologismo *Seelenmord*, assassinato d'alma.

"Esse assassinato d'alma, ele o considera como móbil certo, mas que nem por isso deixa de conservar para ele próprio um caráter enigmático. O que pode ser isso, o assassinar uma alma?" (LACAN, 1955-6, p.92).

Assim, *Seelenmord* expressa o caráter paradoxal da significação enigmática, que não remetendo a nada senão a ela própria, desarticulada simbolicamente, permanece inefável, sem possibilidade de apreensão pelo sujeito.

No desenvolvimento do seminário está presente a mesma linha de argumentação, sendo apresentada de forma mais evidente a noção de estrutura alicerçada na teoria do significante como fundamental ao entendimento da clínica das psicoses e neuroses. Para Lacan a estrutura é, fundamentalmente, um grupo de elementos formando um conjunto covariante (LACAN, 1955-6, 1988, p.210).

De fato, Lacan torna cada vez mais contundente a afirmação de que o significante não significa nada. O significante não serve para significar, mas sim, para enganar sobre o que se tem para significar (LACAN, 1955-6, 1988, p.213). Podemos entender essa afirmação espirituosa a partir da noção de que a significação, sendo produto da combinatória de significantes, é necessariamente transitória. É nesse campo de articulação simbólica que podemos entender a construção de uma subjetividade e de uma realidade onde o sujeito possa transitar.

A partir da formulação da necessidade de supor uma primeira inscrição, um significante primordial, Lacan coloca em cena sua concepção do complexo de Édipo, baseada na articulação desse significante primordial com o significante Nome-do-Pai (LACAN, 1955-6, 1988, p.220).

Nesse seminário há considerações importantes acerca do complexo de Édipo que receberam um melhor detalhamento em outros seminários e textos, como veremos mais adiante. Entretanto, essas considerações não deixam de ter um valor central nas articulações teóricas de Lacan nesse seminário, motivo pelo qual passarei brevemente pelas formulações lacanianas, para, num momento posterior, dar o tratamento necessário à importância das noções apresentadas.

O complexo de Édipo revela a predominância do significante, na medida em que tanto para o homem quanto para a mulher existe apenas um sexo. Só podemos entender tal situação se tivermos em mente a prevalência da ordem simbólica, e não biológica, na constituição da sexualidade. Com efeito, a significação da diferença sexual como falta é uma operação simbólica. Nesse campo, o complexo de castração tem lugar central, na medida em que se sustenta na dissimetria significante decorrente do valor simbólico que o falo passa a possuir. Para Lacan a passagem pelo Édipo e o acesso à ordem sexuada só é possível a partir da identificação com o Pai simbólico, isto é, com o significante do Pai. Já nesse seminário, Lacan ressalta de diversas maneiras que o acesso ao simbólico, de certa forma, carrega consigo a questão sobre a castração e nesse sentido a questão sobre a mulher ganha relevo especial. A identificação imaginária ao falo na mulher não é suficiente para velar o valor da falta simbólica proveniente do complexo de castração. Lacan chega a dizer que não há propriamente simbolização do sexo na mulher, sendo por esse motivo que a histeria carrega uma pergunta sustentada num significante enigmático.

“A que se prendem os sintomas? Senão à implicação do organismo humano em alguma coisa que é estruturada como uma linguagem, com o que tal elemento de seu funcionamento vai entrar em jogo como significante. Estive mais avançado neste assunto da última vez, tomando o exemplo da histeria. A histeria é uma questão em torno de um significante que permanece enigmático quanto à significação.” (LACAN,1955-6, 1988, p.217).

A diferença entre o enigma na neurose e na psicose - mais especificamente tratada por Lacan via histeria – diz respeito à possibilidade de que o sujeito venha articular uma questão, já que o feminino é interrogado via ordenação fálica, enquanto na psicose não há material simbólico, restando um buraco, um vazio na realização da sexualidade do sujeito. Essas considerações, portanto, nos permitem afirmar que o enigma na psicose se distingue do enigma na neurose.

Para Lacan, o Édipo revela a entrada no simbólico a partir do acesso do sujeito a uma Lei simbólica, já que ordenará o acesso do sujeito à ordem sexuada. Por esse acesso ser pautado pela castração, ele exige a inscrição do significante do Pai. Na psicose, como o Édipo não se completou, há sempre um buraco no nível do significante. A *Verwerfung* designa justamente a rejeição de um significante primordial, deixando em seu lugar um buraco, um vazio no simbólico.

Se o Édipo não se completou, o imaginário funciona como um artifício para compensar a falha na realização da sexualidade do sujeito. Nesse seminário, Lacan esforça-se para distinguir o imaginário na psicose e na neurose. Para Lacan, a constituição do Eu não se restringe, em absoluto, a uma função de estabilização e adaptação à realidade. Pelo contrário, há uma instabilidade fundamental no Eu, já que ele se constitui via alienação a um outro. Dessa forma, apesar de enfatizar a função organizadora da imagem e o júbilo que dela advém, Lacan faz notar que o Eu é constituído no desconhecimento, ou seja, o eu é um outro (LACAN,1998). Tal constituição faz com que toda imagem carregue consigo o inerente

destino de aniquilação pelo outro, perseguição, agressividade. Na lição "A dissolução imaginária" Lacan explica o motivo da agressividade de Dora para com seu pai, a partir do momento em que cai a identificação imaginária de Dora com Sr. K, substituto do pai, que garantia a existência do verdadeiro objeto de desejo de Dora, a Sra. K. Na medida em que a identificação imaginária não serve mais para o acesso ao seu desejo, Dora está presa ao ódio pelo pai que retorna sobre ela, como uma imagem refletida no espelho. Para Lacan essa agressividade de Dora se distingue do que acontece na eclosão do delírio por ocorrer no âmbito da relação edípica. Como Lacan mostrará ao longo de seu seminário, a mulher passa no Édipo por uma identificação imaginária ao pai numa tentativa de lidar com a problemática que a castração lhe impõe, ou seja, com a pergunta "o que é uma mulher?". Já na psicose, o imaginário não se encontra articulado à questão edípica, não há, então, uma mediação do simbólico, já que o significante do Nome-do-Pai está ausente. Assim, se não há uma mediação simbólica, nos deparamos com fenômenos de uma radical dissolução imaginária em que o sujeito perde a integridade de seu eu e encontra-se à mercê de um outro perseguidor, ameaçador. Assim, a eclosão da psicose demonstra a fragilidade do artifício imaginário devido à deficiência simbólica. Ao deparar-se com a castração, ele só pode responder via imaginário, em que a alienação ao outro é destrutiva na medida em que o sujeito não pode oferecer qualquer possibilidade de resposta. Enquanto na neurose é possível articular uma questão, já que é possível servir-se da articulação significativa, na psicose uma significação é imposta, deixando o sujeito suspenso numa questão para sempre sem resposta. O caráter específico do enigma na psicose refere-se à impossibilidade de articulação simbólica pelo sujeito, impedindo-o de articular sua própria questão em relação a sua inserção na ordem sexuada.

Nessa perspectiva, podemos situar a noção de testemunho que se articula ao que estamos discutindo sobre o imaginário na psicose. Lacan define a função da fala como essencialmente a de falar a outros, delimitando a mensagem como fundamental à fala. Podemos distinguir dois exemplos paradigmáticos, quais sejam, a *fides* e o fingimento. O primeiro nos permite falar, por exemplo, "Você é minha mulher". O segundo, por outro lado, permite, segundo Lacan, a existência do chiste apresentado por Freud em seu texto "Os chistes e sua relação com o inconsciente" (1988). Nesse texto, um personagem diz "Eu vou a Cracóvia" e o outro responde "Por que você me diz que vai a Cracóvia? Você me diz isso para crer que você vai alhures". Em ambos os exemplos Lacan nos diz que o que dá o valor fundador dessas frases é a presença de um Outro Absoluto que não é conhecido, mas reconhecido. Se esse Outro estiver ausente, o sujeito só pode testemunhar a fala de um outro imaginário, sendo o que ocorre nas alucinações. Se o Outro que garante a articulação da linguagem está ausente, esse testemunho só pode se dar a partir de significantes que não se articulam numa cadeia simbólica, significantes enigmáticos ao sujeito, mas que nem mesmo assim deixam de ter uma concretude e um caráter de certeza. Lacan nos diz que o caráter de certeza se deve a uma constatação de que algo concerne ao sujeito, mesmo que ele não saiba dizer o que é (LACAN, 1955-6, 1988, p. 92). A certeza de que *isso me concerne* se deve ao fato da relação imaginária com o outro, como foi indicado anteriormente. Todavia, se os significantes enigmáticos têm uma ancoragem imaginária, ganhando um caráter de concretude e certeza, é ainda para denunciar um vazio no simbólico e, portanto, a prevalência de algo que se passa com o significante.

É o que Lacan nos esclarece:

“Trata-se no fundo da psicose de um impasse, de uma perplexidade concernente ao significante. Tudo se passa como se o sujeito reagisse a isso como uma tentativa de restituição, de compensação. A crise está desencadeada fundamentalmente por uma questão

sem dúvida. O que é que...? Eu nada sei disso. Suponho que o sujeito reage à ausência do significante pela afirmação tanto mais reforçada por um outro que, como tal, é essencialmente enigmático. O Outro estava excluído como detentor do significante. Por isso ele é tanto mais potentemente afirmado, entre ele e o sujeito, no nível do outro imaginário". (LACAN,1955-6, 1988, p.221).

Assim, ao longo desse capítulo podemos notar uma maior delimitação da noção do enigma como um buraco no simbólico, retorno no real de algo que não passou por uma inscrição simbólica primordial.

A partir do texto "*Resposta ao Comentário de Jean Hypollite...*", verificamos como Lacan enfatiza o retorno no real decorrente de uma abolição simbólica. Como vimos no comentário de Lacan sobre o "Homem dos Lobos", essa abolição simbólica tem como resultado a impossibilidade de uma interpretação do sujeito sobre o que se passa com ele, o que seria possibilitado pela ordenação significante. Há, então, o retorno no real do que foi abolido simbolicamente, ocasionando uma ruptura da significação devido a uma quebra radical da cadeia significante. Nessa perspectiva, apesar de não haver nenhuma menção ao enigma, as considerações presentes nesse texto serão fundamentais à noção de enigma presente em outros textos. Dessa forma, em "*O Seminário. Livro III: as psicoses*", Lacan delimita a noção de enigma a partir dos fenômenos alucinatórios paradigmáticos do Presidente Schreber e ressalta novamente a ruptura da significação devido a uma ausência de um significante primordial como ordenador simbólico. Como veremos no próximo capítulo, essas noções serão amadurecidas em textos posteriores, a partir da formalização da metáfora paterna e do significante Nome-do-Pai.

CAPÍTULO 3

O ENIGMA E A FORACLUSÃO DO SIGNIFICANTE NOME-DO-PAI

Nos capítulos anteriores o enigma foi definido como o aparecimento do significante no real devido a uma ruptura da cadeia significante. Nesses capítulos foi possível notar que Lacan já ressalta a aparição do significante no real nos textos "*Resposta ao Comentário de Jean Hypollite...*"(1998) e em "*O Seminário. Livro III: as psicoses*"(1955-6, 1988). No presente capítulo irei abordar o enigma - como aparição do significante no real - a partir da teoria da forclusão do Nome-do-Pai que, apesar de ter seu germe no seminário três, só é formulada com propriedade em "*De uma questão preliminar a todo tratamento possível das psicoses*"(1998), texto paradigmático na teorização lacaniana sobre as psicoses, e em "*O Seminário. Livro V: as formações do inconsciente*"(1957-8, 1999). Entretanto, para tratar da articulação do enigma com o Nome-do-Pai será necessário entendermos o Nome-do-Pai, ou seja, a função do Pai simbólico, que nos será elucidada nos três tempos do Édipo e na teoria da metáfora paterna.

A teoria do Édipo, e, por conseguinte, da metáfora paterna, são resultantes da sistematização dada por Lacan a partir da articulação entre o complexo de Édipo e a teoria da castração em Freud. A partir dessa sistematização temos uma articulação da Lei da proibição do incesto com a possibilidade do acesso ao desejo. Como veremos, isso ocorre a partir da significação fornecida ao desejo da mãe através da significação fálica. Antes, porém, de

entrarmos diretamente nessas questões e verificarmos como elas se articulam ao enigma, gostaria de propor uma pequena digressão a respeito da tragédia de Sófocles "Édipo-Rei".

Essa tragédia, que serviu-se do mito de Édipo apenas mencionado na obra de Homero, é responsável pela popularidade e reconhecimento que o Édipo possui em nossos dias. Para a psicanálise, o mito de Édipo tornou-se central nas elaborações tanto de Freud quanto de Lacan, na medida em que se articula ao tema do Pai. Não pretendo tratar dos meandros da teoria do Pai na psicanálise, mas tão somente propor uma articulação da Lei da interdição do incesto com o enigma a partir da tragédia "Édipo-Rei". Com efeito, é sobre a figura do Édipo, popularizada por essa tragédia, que a questão do enigma é colocada, não somente para a psicanálise, mas para a humanidade.

3.1 Édipo-Rei e o Enigma

Começemos pelas palavras, proferidas pelo Coro, que encerram a tragédia:

*"Concidadãos de Tebas, pátria nossa,
olhai bem: Édipo decifrador de intrincados enigmas,
entre os homens o de maior poder - aí está!
Quem, no país, não lhe invejava a sorte?
E agora, vede em que mar de tormento
ele se afunda! Por essa razão,
enquanto uma pessoa não deixar
esta vida sem conhecer a dor,
não se pode dizer que foi
feliz." (SOFOCLES, 1976, p. 91).*

Édipo tem sua glória por conseguir decifrar os enigmas propostos pela esfinge. A esfinge, monstro mitológico, que possuía cabeça de mulher e corpo de animal, atraía os passantes com seu canto propondo enigmas e devorando os que não os decifrassem. Édipo é o

homem que consegue decifrar os enigmas da esfinge e salvar a cidade de Tebas de suas ameaças. Contudo, o grande decifrador de enigmas desconhece que o maior dos enigmas - o enigma de sua própria origem - ainda está por vir. É o que ele nos fala:

*"Hei de seguir a trilha até o fim:
eu não posso deixar de esclarecer
o enigma de meu próprio nascimento"* (SOFOCLES,1976, p.66).

Passemos, então, a um breve relato da história de Édipo que vai se desvelando aos poucos na narrativa trágica.

Laio, o rei de Tebas, consulta o oráculo de Apolo, em Delfos, e ouve a predição de que seria assassinado pelo próprio filho e que este deitaria com sua mulher. Laio evita que Jocasta, sua mulher, conceba um filho, mas quando isso acontece, Jocasta entrega a criança a um velho pastor, com os dois pés atados, pedindo que ele a mate por medo da terrível profecia. O pastor, tomado de compaixão pela criança, a entrega a um companheiro, que por sua vez, dá a criança a Pólipo, rei de Corinto.

O rei de Corinto trata Édipo como um filho. Os anos passam em paz para todos, até que Édipo ouve de um bêbado que não era filho legítimo de seu pai. Édipo desesperado vai consultar o oráculo. Este lhe diz que iria ser autor dos dois piores crimes: matar seu pai e desposar sua mãe. Para evitar o cumprimento da profecia, Édipo foge para o caminho oposto de Corinto, ou seja, Tebas. Na encruzilhada de Megas, Édipo se atraca com um cocheiro e seu senhor, matando ambos. Depois, segue sem rumo fugindo de seu próprio destino, sem saber que era para cumpri-lo que ele se guiava. Chega, então, a Tebas onde reinava o medo da Esfinge. Creonte, governante de Tebas, oferece um duplo prêmio - o trono e a mão da rainha viúva, Jocasta - a quem conseguisse decifrar os enigmas propostos pela esfinge. Édipo

consegue decifrar o enigma livrando a cidade das ameaças. Recebe com isso a rainha Jocasta e o trono de Tebas.

Édipo tem seus filhos com a rainha e tudo transcorre em tranqüilidade, até que uma misteriosa peste toma conta da cidade de Tebas. A peste se deve a um castigo divino devido ao fato de a cidade abrigar um criminoso. Em sua investigação Édipo é levado a desvendar o enigma de sua origem, e ao mesmo tempo, descobrir-se como duplamente criminoso, fazendo cair sobre ele a pior punição de um homem. É o que ele próprio nos diz:

*"Se existe um mal maior do que o próprio mal,
esse é o quinhão de Édipo"* (SOFOCLES,1976, p. 83).

Gostaria, então, de propor uma reflexão sobre o enigma e o deciframento em Édipo. De que adiantou para Édipo primeiramente o deciframento do enigma da esfinge, e posteriormente, o deciframento de sua origem frente ao seu destino? Poderia Édipo, como o comum dos homens, somente sonhar em desposar sua mãe e matar seu pai, destinando ao esquecimento o parricídio e o incesto no despertar de seus sonhos?

*"Que tem a temer um homem, fraco joguete da sorte,
que do próprio futuro nada sabe?
Melhor é ir vivendo a vida...
Não tenhas medo da cama de tua mãe:
Quantas vezes em sonho o homem dorme
Com a mãe! É bem mais fácil a vida
para quem dessas coisas não cogita."* (SOFOCLES,1976, p. 60).

A tragédia de Édipo me serviu de ensejo para pensar na importância da Lei da interdição para a teoria do enigma. Édipo é o expoente máximo da transgressão da Lei pagando, com a própria sorte, por saber demais sobre o que está interdito ao resto dos homens. Dessa forma, será que posso pensar na Lei da interdição do incesto como a possibilidade da introdução a um outro modo de acesso ao saber, não mais sob a égide do

deciframento, mas da construção de uma ficção por meio do engendramento de outras significações que possibilitem o surgimento de uma história e não somente o cumprimento de um destino?

Nesse sentido, poderíamos pensar no Nome-do-Pai, que como representante da Lei, possibilita o engendramento de significações na busca do sujeito de seu desejo. Nesse momento não poderia deixar de lembrar as várias menções ao Nome-do-Pai como o que possibilita um ordenamento, uma demarcação, um romanceamento do que é perdido com a Lei da Interdição. Dessa forma, procurarei fazer uma discussão do Édipo proposta por Lacan articulada à proposição do Nome-do-Pai, como o ponto de basta maior da ordem simbólica (MILLER, 1999, p.39) e à produção da mensagem, como o advento de um significante novo. Contudo, por ora não entrarei em mais detalhes, deixando essa discussão para o decorrer do desenvolvimento do capítulo.

De qualquer modo, gostaria de salientar já nesse momento, que, a meu ver, o enigma tanto na neurose quanto na psicose não se presta a deciframentos, como se pudéssemos chegar a um saber último sobre o enunciado que o enigma propõe. Se na neurose o Nome-do-Pai possibilita o engendramentos de novas significações no deslizamento da cadeia significante, na psicose, como veremos, não há o Nome-do-Pai como operador simbólico, o que faz com que o sujeito fique submetido a significantes que surgem no real, impossibilitando o engendramento de significações que permitiriam que ele pudesse localizar-se em sua própria história.

Dito isso, passaremos a analisar a função da Lei da Interdição do incesto, tal como é elaborada na teoria dos três tempos do Édipo em Lacan e na metáfora paterna.

3.2 Do capricho da mãe à Lei Paterna

Como já dissemos, os três tempos do Édipo e a metáfora paterna serão produto da sistematização dada por Lacan ao complexo de Édipo e ao complexo de castração em Freud. Para Lacan, o Édipo e a metáfora paterna atestam como o simbólico, sob a égide da Lei da Interdição do incesto, está na base da teoria do desejo que se dá na relação do sujeito com o Outro. Vejamos, então, como isso se verifica no três tempos do Édipo e na formalização da metáfora paterna.

3.2.1 - Os três tempos do Édipo e a metáfora paterna

No primeiro tempo do Édipo a criança, procurando ser o que a mãe deseja, identifica-se ao falo imaginário. Para que isso aconteça, entretanto, é preciso não perder de vista que já há nesse primeiro momento um encontro com o simbólico, mesmo que ainda velado para criança. Dessa forma, temos que admitir uma ordenação lógica dos três tempos do Édipo, na medida em que a mãe estabelece uma relação com o desejo já mediada pelo simbólico. Assim, é porque a mãe vai e vêm que a criança, para ser o que a mãe deseja, é confrontada, nesse primeiro momento, com o significado da presença e ausência da mãe, no qual Lacan reconhece como essencial o jogo do fort-da. Entretanto, a criança somente acede a esse significado de forma velada, pois como veremos, só é possível aceder a esse significado quando mediado pelo Nome-do-Pai. Assim, na primeira etapa do Édipo, a criança é submetida à lei da mãe, que é, em última instância, uma lei ainda não ordenada para a criança. Isso se dá na medida em que para criança o seu desejo é dependente de algo que está além, mas porque

ainda não está submetido a uma mediação, fica completamente referido ao bem-querer ou mal-querer da mãe. Lacan nos diz que, num primeiro momento, a criança esboça-se como um assujeito, já que está completamente assujeitada ao capricho materno.

No segundo tempo, o pai intervém como privador da mãe. A pai age como aquele que pode privar a mãe do objeto de seu desejo. Se o pai intervém como aquele que pode privar a mãe, revela o desejo desta, como dependente de uma outra coisa. Assim, o pai ao privar a mãe desvela, que o seu desejo está articulado a uma Lei que transcende ao seu capricho, fazendo aparecer a dimensão do Outro no Outro, na medida em que o desejo da mãe está articulado a um Outro que está além dela. É por esse motivo que Lacan salienta que a privação é sempre de um objeto que não se possui, tendo sua existência somente como símbolo. Esse momento é essencial principalmente por dois motivos. Um deles diz respeito ao fato de que é nesse momento que se dá a sujeição ou não da mãe à Lei do Pai, justificando a afirmação de que, mais fundamentalmente, a Lei do Édipo é a Lei da interdição materna. Além disso, é a partir da submissão da mãe a uma Lei que a transcende, que podemos entender porque o Édipo não depende essencialmente da atuação de um pai real e sim, de uma Lei do Pai, atuante no desejo da mãe. O pai age como suporte da Lei, não mais de forma velada, mas mediada pela mãe que o instaura como o Outro da Lei. O outro motivo pelo qual esse segundo momento é nodal refere-se ao fato de ser o momento no qual o sujeito depara-se com a questão de aceitar, ou melhor dizendo, de dar significação à privação da qual a mãe é o objeto. A privação da mãe traz para o sujeito a dimensão de que não se pode ser o falo, sendo o falo o objeto que pode se ter ou não. Assim, é aberta para a criança a alternativa de ter ou não o falo. Dessa forma, a castração é introduzida para criança de modo que a possibilidade

de ser castrada é essencial para que se possa ter o falo. Para que isso ocorra é necessária a mediação do Nome-do-Pai para o sujeito, o que se dará no terceiro tempo do Édipo.

No terceiro momento, o Pai aparece como o que tem e que pode dar o que possui. Nessa perspectiva, a metáfora paterna perpassa todo Édipo na medida em que a dimensão simbólica é reconhecida na mãe. Entretanto, podemos localizá-la para o sujeito nesse terceiro momento em que há a substituição do significante da mãe pelo significante do Pai, instaurando a significação fálica como o ordenador do desejo do sujeito. É o que a escrita da metáfora paterna nos mostra.

$$\frac{\text{Nome-do-Pai}}{\text{Desejo da Mãe}} \times \frac{\text{Desejo da Mãe}}{\text{significado para o sujeito}} = \text{Nome do Pai} \left(\frac{A}{\text{Falo}} \right)$$

O significado do desejo da mãe, que no primeiro tempo era velado à criança, é desvelado no Édipo como sendo o falo, que é instaurado para o sujeito como a significação da ordenação do desejo da mãe. A emergência da significação fálica pode ser expressa na metáfora como a suspensão da barra da significação.

É fundamental notarmos, a partir da metáfora paterna, como o significante está encadeado com outro significante, o que é possível pela existência do Nome-do-Pai como Outro da Lei, expresso na própria escrita da metáfora paterna. Nesta, o Nome-do-Pai está fora do parêntesis mostrando-se numa posição privilegiada na ordem dos significantes. Já o parêntesis indica a significação fálica como resultante do que transcorre na cadeia significante, expressando a amarração entre simbólico e imaginário, garantida pela operação da metáfora paterna. Dessa forma, é possível entender porque Miller estabelece o Nome-do-Pai como o ponto de basta maior da ordem simbólica. (MILLER, 1999, p.37).

3.2.2 - O Nome-do-Pai e a teoria do ponto de basta

A teoria do ponto de basta coloca-se no âmago da teoria do significante, na qual Lacan situa o que ele denominou de estrutura freudiana, estabelecendo como determinante, tanto na neurose quanto na psicose, a submissão à estrutura da linguagem, na medida em que a condição do sujeito depende do que se desenvolve no Outro.

Em "*Instância da Letra no Inconsciente...*", Lacan (1998) nos diz que Freud, a partir não somente dos sonhos, mas também do ato falho, do chiste e do sintoma, coloca em primeiro plano a existência, no mais íntimo da experiência subjetiva, de uma determinação estranha às expectativas da consciência ou de um eu onisciente de suas experiências. Tal determinação poderia nos levar a pensar na existência de vários eus, que exercem entre si uma complexa trama de influências. Nada mais longe de todo o percurso feito por Freud na tentativa de delimitar a especificidade de seu objeto de investigação, o inconsciente, constituindo uma teoria que não se confunde com os engodos psicologizantes.

Lacan, então, nos propõe que não entendamos essa relação com o Outro a partir de uma teoria da duplicação de eus, mas sim, a partir da determinação de um Outro terceiro, de um Outro da linguagem. Se os efeitos do inconsciente nos levam sempre a buscar uma verdade que está mais além do sentido esperado, é porque nos coloca a necessidade de admitir a existência de uma ordem, que estando além da relação com um outro semelhante, permita apreender no mal entendido uma verdade que emerge, se articulada à estrutura de linguagem na qual o sujeito está também implicado.

"O sujeito aparece nos fenômenos da fala. A equivocidade da fala não passa dasapercebida para o sujeito, pois no tropeço de sua fala, na surpresa, ele se vê implicado.(...)" (LACAN, 1998, p. 522)

Esse Outro da linguagem, como vimos no primeiro capítulo, é definido segundo a combinatória significante estabelecida em termos de metáfora e metonímia. Assim, O Outro não se confunde com o código, onde podemos situar uma certa fixidez do significado. Pelo contrário, o que a cadeia significante revela é a possibilidade de nos servirmos da língua para expressar algo diferente do que está estabelecido. Para Lacan, o significado sempre se constitui em função do significante, já que é resultado da combinatória significante. Todavia, essa consideração nos faz questionar sobre o que determina o surgimento de uma significação, ou seja, como em um dado momento, um significante se liga a outro significante fazendo surgir uma significação. Essa preocupação, de como o significante entra no significado³, não é apenas de Lacan, sendo objeto de reflexão também de Jakobson e de Saussure. Entretanto, Lacan responde a essa questão trazendo uma especificidade delimitada em sua teoria a partir da noção do ponto de basta, que será de especial importância para o que iremos desenvolver neste capítulo.

Nesse sentido, o ponto de basta foi formulado, num primeiro momento, em resposta ao esquema saussuriano em que as duas massas amorfas que constituem o campo do significado e do significante se unem para formar o signo. Quando Saussure introduz a noção da valor⁴ em sua teoria, ressalta que nem o significado, nem o significante podem carregar uma significação em si mesmos, já que são elementos puramente diferenciais. Entretanto, quando

³ Os termos significação e significado parecem ser usados indistintamente por Lacan nos textos utilizados neste capítulo.

⁴ A noção de valor de Saussure (1989) é uma das noções mais importantes em lingüística. Ela estabelece que o signo não é a relação entre duas coisas, conceito e imagem acústica, ou significado e significante. O signo é a articulação de dois termos que não têm uma definição a partir deles mesmos, mas somente em sua relação com os elementos do sistema. Nessa perspectiva, são elementos puramente diferenciais. No que se refere ao próprio signo, é possível notar que Saussure confere uma positividade ao signo, diferente do que havia falado sobre seus elementos tomados separadamente. É o que podemos verificar nessa afirmação presente no "Curso de Linguística Geral": "*Conquanto o significado e o significante sejam considerados, cada qual à parte puramente diferenciais e negativos, sua combinação é um fato positivo*" (SAUSSURE, 1989, p.138). Vale ressaltar que valor e significação são distintos, já que a significação refere-se à correspondência local do significante ao significado.

nos fala do signo em sua totalidade, Saussure propõe uma unidade positiva no engendramento da significação. Lacan, em contrapartida, ressalta a radicalidade, na dimensão linear da linguagem, da não amarração do sentido, ou seja, da perpétua antecipação do significante em relação ao sentido. É o que podemos ler na célebre afirmação de Lacan:

"Donde se pode dizer que é na cadeia significante que o sentido insiste, mas nenhum dos elementos da cadeia consiste na significação de que ele é capaz nesse momento." (LACAN,1957,1998, p.506)

Essa afirmação, porém, coloca um problema para Lacan, que pode ser expresso na seguinte pergunta. Se o significado não cessa de se ocultar na captura significante, se temos que procurar o sentido sempre fora dele mesmo, como pensar o efeito de significação? Para responder a esse problema foi preciso formular a noção do ponto de basta.

A noção do ponto de basta aparece apenas invocada em *"Instância da Letra no Inconsciente..."*. Todavia, nesse texto encontramos uma definição primordial que irá se manter, a saber, que para que uma significação se produza num dado momento é preciso que em algum lugar o significante interrompa o deslizamento do significado como um fenômeno de ancoragem que dá lugar à pontuação onde a significação se constitui como produto finito. Além disso, o ponto de basta também tem um caráter mítico, já que não podemos prever o momento em que um significante se unindo a outro terá como efeito uma significação.

Podemos delimitar ainda dois aspectos do ponto de basta. O primeiro deles diz respeito à diacronia do significante, na medida em que a frase só toma sua significação a partir do último termo. O segundo refere-se à estrutura sincrônica da metáfora, o que permite

pensar que a linearidade do discurso não pode responder por si só ao efeito de significação⁵ (LACOUE, NANCY, 1990, p.71 - 81).

Assim, é da combinatória significante que poderá haver o engendramento de significações inusitadas no deslizamento da cadeia significante.

Uma outra consideração fundamental ao ponto de basta articula-se à formulação do grafo do desejo presente em "*O Seminário. Livro V: as formações do inconsciente*". Nesse grafo estão representadas duas linhas - a da cadeia significante e a do discurso racional. Ambas as linhas são cadeias significantes e podemos diferenciá-las a partir da noção de função ou estado que pode ser apreendido na cadeia significante. Não se trata, pois, de supor que a linha do discurso racional corresponda a do significado. Propor uma cadeia de significado seria admitir a existência de significações já fixadas *a priori*. Todavia, o que vem sendo demonstrado desde Freud, segundo Lacan, é que a significação é efeito da combinatória significante. Tal consideração, como é possível notar, não traz nenhuma novidade. O que é novo para o que estamos elaborando sobre o ponto de basta é o fato das duas cadeias se cruzarem em direções inversas. Essa sutileza do grafo capta a temporalidade *a posteriori* onde se produz a invenção do sentido. O código que parecia fixado *a priori* é subvertido fazendo aparecer um novo sentido. Assim, na interpretação não é buscado um passado remoto perdido nas profundezas do inconsciente, mas sim, devolvida ao significante sua força criativa.

Nessa perspectiva, o ponto de basta é pensado como uma ancoragem da linha do "discurso racional" e da cadeia significante no momento em que há um estancamento provisório do contínuo deslizar entre uma e outra. É o que nos diz Lacan: "É preciso que em algum ponto, com efeito, o tecido de um se prenda ao tecido do outro para que saibamos a que nos atermos, pelo menos nos limites possíveis desses deslizamentos. Existem pontos de basta, portanto, mas eles deixam uma certa elasticidade nas ligações entre os dois termos."(LACAN, 1957, 1999, p.15).

⁵ Essas considerações estão presentes na "*Instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud*", mas têm um lugar de destaque três anos depois no escrito "*Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano*".

Depois de fazermos as considerações gerais sobre o ponto de basta no engendramento da significação, podemos entender a articulação do Nome-do-Pai com o ponto de basta na medida em que é o Nome-do-Pai que permite a articulação dos significantes na cadeia.

De fato, quando Lacan menciona o ponto de basta na "*Instância da Letra no Inconsciente...*", ele nos remete ao "*O Seminário. Livro III: as psicoses*", no capítulo "O ponto de basta", onde encontramos uma articulação do ponto de basta com o Édipo, ou de maneira mais específica, com a noção do pai a partir da tragédia *Atália* de Jean Racine (1691).

Racine inspira-se no Segundo Livro das Crônicas do Antigo Testamento (1993) para escrever sua tragédia. Nesse livro encontramos o relato sobre o reinado de Atália, mas, para entender não somente como Atália conseguiu ser rainha, mas também o desfecho de seu reinado, temos que primeiramente nos reportarmos ao Reinado de Jorão e de Ocozias. Jorão herdou o Reino de Judá por ser o filho primogênito de seu pai, Josafá. Quando assumiu o poder, Jorão mandou matar todos os seus irmãos. Mas, ainda não satisfeito, fez com que alguns dos chefes de Israel sucumbissem à força de sua espada, passando a reinar também em Jerusalém. Além disso, induziu à idolatria alguns habitantes de Jerusalém e conduziu Judá ao mal, fazendo cair sobre ele a vingança do Senhor, que faria com que a cidade fosse dizimada por uma praga e com que Jorão fosse consumido por uma enfermidade no ventre.

No lugar de Jorão, Ocozias, seu filho mais jovem, é proclamado rei. Ocozias reina em Jerusalém e segue os conselhos de sua mãe Atália que o impelia ao mal. Numa vingança é morto, deixando o reino sem herdeiros, pois não havia ninguém na família de Ocozias em condições de reinar.

Quando Atália viu seu filho morto, tomou a decisão de matar toda a extirpe real da casa de Judá. Entretanto, Josabet, filha de Jorão e esposa do sacerdote Joad, raptou Joás, filho de Ocozias - o rei morto - e o escondeu no templo sob seus cuidados. Joás ficou escondido por seis anos do reinado de Atália. Até que no sétimo ano Joad se encheu de coragem e fez uma aliança com os centuriões, com os levitas de todas as cidades de Judá e também com todos chefes de família em Jerusalém. Todo esse grupo, por sua vez, forma uma aliança com o rei - o jovem Joás - no templo e assim que se juntaram ao povo, o proclamaram como rei. Atália ao ouvir os gritos do povo dirigiu-se ao templo do Senhor, e furiosa, rasgou seu vestido gritando "*traição, traição*". (II Cron 23, 1-21). Atália foi, então, afastada do templo e arrastada ao Palácio Real, onde foi morta.

A tragédia Atália de Racine se baseia no enredo desse relato bíblico. Todavia, o autor não se limita à reprodução do tema, oferecendo ao seus leitores uma forma inteligente e imaginativa de acompanhar com detalhes o drama da rainha ao se ver ameaçada por um perigo do qual não se sabia ao certo a procedência.

Focalizaremos, entretanto, nossa atenção na primeira cena dessa tragédia, na qual Lacan centra seu interesse.

Essa primeira cena se abre com a fala de Abner, oficial da rainha. A primeira frase proferida por Abner em seu diálogo com Joad, o sumo sacerdote, é: "*Sim, eu venho em seu templo adorar o Eterno*" (RACINE, 1691, p.645)

Essa frase somente mostrará seu verdadeiro sentido no final do diálogo, como bem salienta Lacan. Abner continua sua fala, mostrando seu profundo respeito pela Lei e pela tradição, desrespeitados pela rainha. Diz, ainda, que restaram apenas uns poucos adoradores zelosos do povo santo que, antes, em multidões inundavam os pórticos para adorar o Senhor.

Entretanto, Lacan continua a ressaltar que ainda não temos acesso à intenção de Abner, que começa a se desenhar quando ele diz que receava que a rainha Atália se virasse contra Joad e o templo. Segundo Lacan, toda a fala de Abner começa a se esclarecer quando Joad, então, replica: "*De onde lhe vem hoje esse negro pressentimento?*". (RACINE, 1691, p. 647). Quando Joad faz essa pergunta a Abner, o obriga a dizer sobre o real motivo de sua visita, já que o remete à questão sobre o sentido do que tem a dizer. Abner, então, revela a suspeita de que o massacre da rainha não tenha sido completo, fazendo com que a rainha passasse a desconfiar de um traidor no reino e o localizasse no templo. Joad não cai na armadilha de se achar ameaçado por essa suspeita. Pelo contrário, não demonstra nenhum medo, já que se sustenta no temor a Deus. Segundo Lacan, a frase de Joad "*Temo a Deus, caro Abner, e não tenho outro temor.*" (RACINE, 1691, p.648) , faz com que todo o diálogo ganhe um novo rumo.

Segundo Lacan, para entendermos o que se passa nesse diálogo, temos que nos ater à diferença que há entre medo/receio e temor. O medo ou o receio, presente na fala de Abner, revela sua prisão às ameaças da rainha, que mantém o reino subjugado sob sua vontade caprichosa. Quando Joad não compartilha desse medo, coloca em questão toda a autoridade despótica da rainha, mostrando que ele não se submete aos seus caprichos, mas é sustentado pelo temor de Deus. O temor a Deus subverte, assim, toda a situação criada por Abner a partir de seu receio, já que coloca em primeiro plano a presença de uma Lei que não se restringe à desconfiança, suspeita ou dúvida que se instalava entre o povo naquele momento. Nesse sentido, Joad é o porta-voz de que há algo além dos desmandos da Rainha Atália, apontando para a possibilidade de um outro curso nos acontecimentos e da retomada da ordem no reino

de Judá. Toda a certeza de Joad está sustentada no fato de guardar o verdadeiro rei, filho de Ocozias, herdeiro do trono de Judá que seguirá os desígnios do Senhor.

De fato, para Lacan, o temor a Deus é um termo essencial ao pensamento religioso, não se confundindo com um sentimento confuso de pânico ou pavor. Pelo contrário, o temor a Deus pode ser o motor de atos de coragem em nome de uma Lei. É o que podemos ver de forma brilhante nesse primeiro diálogo em que a palavra temor aparece no final a partir da fala de Joad, mostrando que há algo mais além ao qual é preciso submeter-se para que o povo seja libertado da submissão aos caprichos da rainha.

De uma forma especialmente bela Lacan ressalta a subversão que esse significante promove em relação ao que de início se configurava na fala de Abner sob a forma do medo ou do receio. Essa mudança que sofre o diálogo se faz a partir da costura que amarra o último significante temor ao que no início se delineava sob a égide do receio. Com efeito é por essa costura que Abner não é mais arrastado pelo medo e pode, finalmente, finalizar sua fala dizendo que irá se juntar à tropa fiel sob o comando de Joad.

Nessa perspectiva, Lacan situa o ponto de basta nesse significante, temor, que ao organizar o que foi dito, abre a possibilidade para produção de novas significações. É o que Lacan nos diz:

"O ponto de basta é a palavra temor, com todas essas citações trans-significativas. Em torno desse significante, tudo se irradia e tudo se organiza, como nessas linhazinhas de força formadas na superfície da trama pelo ponto de basta. É o ponto de convergência que permite situar retroativamente e prospectivamente tudo o que se passa nesse discurso" (LACAN, 1955-1956, p. 303)

Lacan prossegue sua elaboração articulando o temor a Deus à noção de Pai. Para Lacan, podemos entender a função do Pai sob essa perspectiva, ou seja, sob a perspectiva de uma Lei que permite organizar a ordenação significante, e, conseqüentemente, o campo das

significações. Podemos pensar que não é, de forma alguma, sem razão que a palavra temor tenha vindo da boca de Joad, já que é ele que guarda o filho do rei, herdeiro legítimo do trono, que fará fazer valer a Lei de Deus.

Assim, é nesse sentido que Lacan, embora não tenha formalizado o significante Nome-do-Pai, articula o ponto de basta ao Édipo:

"Por que esse esquema mínimo da experiência humana, que Freud nos deu no Complexo de Édipo, conserva para nós seu valor irredutível e no entanto enigmático? E quer sempre, com tanta insistência, reencontrá-lo por toda parte? Porque há aí um nó que lhe parece tão essencial que ele não pode abandoná-lo na menor observação particular senão é porque a noção de pai, muito próxima daquela de temor a Deus lhe dá o elemento mais sensível na experiência do que chamei ponto de basta entre o significante e o significado". (LACAN, 1955-1956, 1988, p. 303)

Se o ponto de basta, como vimos, mantém juntos significante e significado, é o Nome-do-Pai que torna possível essa amarração, já que é na metáfora paterna que a incidência desse significante terá como efeito a produção da significação fálica, estabelecendo o falo como significação e também toda significação como fálica.

É por essa razão que Collete Soler (1991) em seu texto *"Abordagens do Nome-do-Pai"* nos esclarece que o significante Nome-do-Pai está sempre numa posição de privilégio, de exceção de uma ponta a outra da teoria lacaniana, mesmo quando Lacan coloca em questão a afirmação de que há o Outro no Outro. Para Soler, essa posição de privilégio se articula ao fato de Lacan ter sempre definido o Nome-do-Pai como uma função de amarração.

Esse ponto é especialmente importante para o que estamos discutindo sobre o enigma na psicose. A não operação do Nome-do-Pai impossibilita o surgimento de novas significações no deslizamento da cadeia significante, fazendo com que haja uma quebra, uma ruptura na cadeia. Assim, os significantes não aparecem articulados, mas desemparelhados,

tendo como efeito a produção do enigma em que um significante se impõe paralisando o sujeito numa suspensão da significação.

Com efeito, a psicose nos faz pensar sobre a função do significante do Nome-do-Pai como representante da Lei, já que garante o ordenamento da cadeia significante e, conseqüentemente, da produção das significações.

Como dissemos no primeiro capítulo, essa afirmação de Lacan está longe de ser simples, já que ele acrescenta algo a mais na teoria do significante, a saber, que o que funda a significação depende do significante, mas na medida em que ele confere autoridade à Lei.

A psicose nos faz perguntar pelo fundamento da Lei que marca a entrada do sujeito no regime do discurso, à medida que o psicótico coloca em questão a própria organização de uma realidade discursiva.

Para tratarmos dessa questão, será preciso esclarecer o que fundamenta a Lei. Nessa perspectiva, as elaborações de Antônio Teixeira (2000) sobre a consistência e a Lei nos serão de grande interesse. O autor começa por nos lembrar que se a combinatória significante se estabelece somente a partir do critério diferencial na relação entre seus elementos, ela desobedece ao princípio da consistência da linguagem definido por Aristóteles. Para que um sistema tenha consistência, *"é preciso haver uma lei que delimite, através de um veto de impossibilidade, o universo de enunciados possíveis"*.(TEIXEIRA, 2000, p.2). O veto que define classicamente a consistência interna de um sistema refere-se ao princípio da não-contradição, definido por Aristóteles em seu Livro Gama, e que baseia o juízo lógico clássico. Se num dado sistema não houver esse veto de impossibilidade, todos os enunciados são igualmente possíveis, já que ele não apresenta, por ser inconsistente, nenhuma necessidade

interna. Portanto, é preciso um veto para que não usemos o significante sem uma mínima ordenação que possa produzir um sentido partilhado pelos outros.

Ainda segundo Antônio Teixeira, da mesma maneira que devemos admitir, segundo Kant, uma organização transcendental da percepção conforme as categorias de tempo e espaço, devemos supor uma organização transcendental que condiciona a possibilidade da ordenação do discurso, proibindo, por exemplo, o uso puramente fonemático da língua e fazendo necessária uma ordenação a partir de um conjunto de regras.

Com o surgimento das geometrias não euclidianas que se dá no âmago da crise dos fundamentos no final do século XIX, há a emergência, a partir de 1920, das lógicas alternativas à lógica clássica. Dessa forma, é possível verificar que há tantos regimes transcendentais quanto situações ou realidades pensáveis, segundo o forma de racionalidade estabelecida. A pluralização das lógicas abalou o dogma milenar da unidade da razão humana. Como consequência, a lógica contemporânea coloca em questão a crença no caráter inato da organização transcendental, para admitir a dimensão propriamente arbitrária de toda organização transcendental. Assim, se o transcendental institui a consistência, não existe proveniência lógica do transcendental, passando a ter um caráter necessariamente arbitrário.

No que diz respeito à psicanálise, é o significante do Nome-do-Pai que veicula o veto da impossibilidade que garantirá uma certa estabilidade discursiva, que pode ser expresso na interdição da Lei do incesto que faz com que haja uma certa ordenação discursiva em que o sujeito possa transitar. Apesar do significante Nome-do-Pai instaurar a ordenação do discurso, não podemos abordá-lo discursivamente, pois, como já dissemos, seu caráter é necessariamente arbitrário, exigindo do sujeito a adesão a uma Lei que não mostra sua razão de ser.

A impossibilidade de argumentar sobre a Lei que funda o discurso pode ser verificada em várias afirmações correntes nos textos de Lacan. Em "*O Seminário. Livro III: as psicoses*", por exemplo, em vários momentos, Lacan refere-se ao Outro enquanto garantia fundadora da fala, como o que não pode ser conhecido, mas sim, reconhecido. Da mesma forma, em "*O Seminário. Livro V: as formações do inconsciente*", no capítulo "A forclusão do Nome-do-Pai", Lacan diferencia a *Verwerfung* da *Verdrangung* - recalçamento - na medida em que a cadeia significante continua a se desenvolver e a se ordenar no Outro sem que seja preciso tomar conhecimento disso. Assim, a *Verwerfung* não se define a partir do que está no Outro como recalçado, como significante, ou seja, a partir do que faz com que a cadeia significante continue a se desenvolver sem que atribuamos a ela o valor de determinante na significação. Ao contrário, a *Verwerfung* atesta que na cadeia significante há um significante que falta. Esse significante que falta na psicose é o significante Nome-do-Pai, "*no que ele funda como tal o fato de existir a lei, ou seja, a articulação numa certa ordem do significante - complexo de Édipo, ou Lei do Édipo, ou Lei da proibição da mãe*". (LACAN, 1957-8,1999, p. 153)

Dessa forma, Lacan define o significante do Nome-do-Pai, ou seja, do Pai morto, o símbolo do Pai e não do pai enquanto indivíduo, como um significante privilegiado já que é o significante que no Outro autoriza o texto da Lei. É o significante que no Outro como sede da Lei representa o Outro. Assim é o Outro no Outro, na medida em que promulga a Lei⁶.

Assim, a partir dessas considerações que estabelecem o Nome-do-Pai como garantidor do ordenamento da cadeia significante, é possível concluir a íntima relação que há entre a função do Nome-do-Pai como representante da Lei e a afirmação de que o Nome-do-Pai é o

⁶ A noção do significante do Nome-do-Pai como Outro do Outro foi modificada por Lacan a partir dos anos 60. O Nome-do-Pai não é mais pensado como complemento do Outro e sim, como suplemento do Outro. Não entrarei nessa discussão. Entretanto, vale ressaltar que em ambas perspectivas o Nome-do-Pai é um significante privilegiado que deve ser admitido arbitrariamente como o princípio ordenador da ordem simbólica.

ponto de basta maior da ordem simbólica. Cabe ainda, para entender o enigma na psicose, propor uma articulação do Nome-do-Pai com a noção de mensagem apresentada por Lacan em vários de seus textos. Ao meu ver, essa articulação é sustentada pelas elaborações presentes em "*O Seminário. Livro V: as formações do inconsciente*", no qual Lacan define a mensagem como o surgimento de um significante novo possibilitado pela operação do Nome-do-Pai. Como veremos, essas considerações são cruciais para entendermos o que se passa no enigma na psicose, já que no enigma não há o surgimento de significantes novos que têm como efeito a produção de novas significações no devir da cadeia significante. Pelo contrário, como veremos, há o surgimento de significantes, que não se prestam a um endereçamento, aprisionando o sujeito numa mensagem que não chega a se constituir. Todavia, antes de entrarmos com detalhes nessas considerações, é necessário entender a articulação proposta por Lacan entre o Nome-do-Pai e a mensagem.

3.3 O Nome-do-Pai e a mensagem

O termo mensagem é constantemente evocado por Lacan em seus textos, como já foi possível notar no capítulo anterior à propósito da leitura de "*O Seminário. Livro III: as psicoses*." De fato, já no texto "*Instância da Letra no Inconsciente....*", a mensagem está presente como o que se opõe à resistência imaginária do Eu, havendo também uma menção de Lacan ao que vimos em "*O Seminário. Livro III: as psicoses*". Nessa perspectiva, vale a pena recordar o que já está presente no capítulo anterior, no qual tratamos da afirmação de Lacan

de que o sujeito recebe a mensagem do Outro de forma invertida, ou seja, o que equivale à determinação do sujeito pelo Outro, tanto no fingimento quanto na *fides*. No primeiro, encontramos o exemplo, ao qual Lacan sempre recorre, do chiste nos dado por Freud em seu livro sobre os chistes. Ali, um amigo diz a outro que vai para Cracóvia, ao que o outro retruca: "porque você me diz que vai Cracóvia, se na verdade vai a outro lugar". Esse chiste mostra quanto seria insuficiente pensar a relação com o outro exclusivamente pela vertente dual, com o semelhante. Se um amigo apreende a verdade que está em jogo é na medida em que supõe um sentido que está além do que está sendo dito. O que permite a extrapolação desse dito é a existência de um Outro, terceiro, garante da ordenação da linguagem. Da mesma forma, no segundo, na *fides*, a frase "Você é minha mulher" só tem valor por determinar a posição do sujeito em relação a um Outro terceiro que garanta a legitimidade dessa afirmação. Entretanto, é em "*O Seminário. Livro V: as formações do Inconsciente*" que a mensagem torna-se um termo central na formação do Inconsciente.

Com efeito, Lacan reserva à mensagem um lugar privilegiado, à medida que é na produção da mensagem como efeito da combinatória de significantes que há o aparecimento de uma significação nova, onde no intervalo entre um significante e outro ocorre a emergência do sujeito. Tais considerações serão melhor desenvolvidas se nos atermos à primeira parte de "*O Seminário. Livro V: as formações do inconsciente*", onde Lacan articula sua teoria da combinatória significante a partir da metáfora e metonímia com a constituição do grafo do desejo, em que as relações entre código e mensagem são fundamentais. Nessa perspectiva, Lacan fará um percurso ao longo das considerações freudianas presentes nos livros "O chiste e sua relação com o inconsciente" (1980) e "Psicopatologia da vida cotidiana" (1980) para tematizar, num primeiro momento, a constituição da mensagem, que tem seu ápice de criação

na metáfora, e em seguida, tratar da metonímia como o que possibilita a própria criação da mensagem.

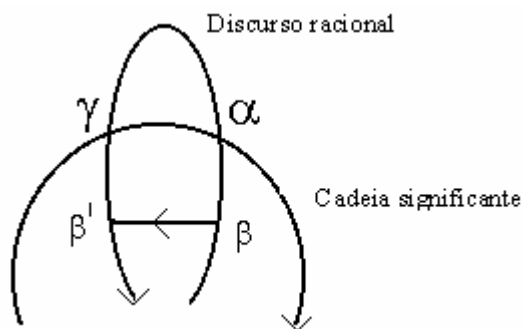
3.3.1 - O Inconsciente como produtor de mensagem em

“O Seminário. Livro V: as formações do inconsciente”

Antes de entrarmos na definição da metáfora e da metonímia a partir do chiste, farei um breve percurso acerca das elaborações mais fundamentais sobre o grafo do sujeito para que possamos compreender o que é essencial na teoria lacaniana dos anos 50 no que diz respeito à relação do sujeito com o Outro a partir das conexões entre código e mensagem.

Podemos notar, já num primeiro momento, que Lacan nos propõe um verdadeiro circuito para compreendermos como se dá a metáfora e a metonímia no chiste.

Grafo:



A primeira linha representa a cadeia significante “na medida em que permanece inteiramente permeável aos efeitos propriamente significantes da metáfora e metonímia(...)” (LACAN, 1957-8, 1999, p. 18). A segunda linha é a do discurso racional na qual está integrado um certo número de referências, de coisas fixas. O primeiro ponto de cruzamento

entre o discurso racional e a cadeia significante é o código – ponto α . Neste já aparece uma primeira relação do sujeito ao significante. Um significante é tomado da cadeia discursiva. Mas sua “natureza enquanto tal” ainda não foi captada pelo sujeito, a saber, que em si o significante não significa nada, que ele não tem propriedades *a priori*. Somente na mensagem “o sentido vem à luz”. O significante produzido na mensagem traz à cena a dimensão do sentido. O sentido aparece na substituição do primeiro significante do código por um significante novo que se dá no ponto γ . Podemos apreender nesse processo que essa substituição, na verdade, produz uma subversão do primeiro significante. É preciso uma certa sutileza para acompanharmos as considerações de Lacan. Quando ele nos diz que o sentido vem à luz na mensagem, não podemos confundi-lo com a própria mensagem - que é propriamente o surgimento desse significante novo - pois em sua radicalidade o sentido nada significa, ele constitui a possibilidade de novas significações no devir da linguagem. Por outro lado, só se produz uma mensagem, se for captada essa radicalidade do sentido.

As outras sutilezas do grafo se referem ao que já dissemos sobre o ponto de basta. Ou seja, que o momento da significação é agora definido no encontro entre código e mensagem, numa temporalidade retroativa do significante, ressaltando a dimensão do *nachtraglich* como o que há de essencial nesse processo, estabelecendo a combinatória significante como primordial no estabelecimento da significação.

Tendo examinado em termos gerais como se dá a produção da mensagem no grafo, veremos com mais detalhes, através da tirada espirituosa, como se dá a produção da mensagem em oposição ao código com o surgimento de um significante novo.

3.3.1.1 - Metáfora - Apogeu da criação inconsciente

Para Lacan podemos entender o que está em jogo no chiste "familiar" se entendermos a metáfora. Está é considerada como uma das dimensões fundamentais da linguagem por Jakobson. Enquanto Saussure privilegia o aspecto formal da língua, Jakobson se interessa também pelo aspecto semântico. Acrescenta, assim, que a produção da significação, que se dá na mensagem, obedece a leis básicas de relação entre os elementos lingüísticos. Essas duas dimensões essenciais da linguagem são denominadas metonímia e metáfora e podem ser esquematizadas, respectivamente, em dois eixos: os eixos sintagmático e paradigmático. No primeiro a relação é da combinação.

“Isso significa que qualquer unidade lingüística serve, ao mesmo tempo, de contexto para unidades mais simples e/ou encontra seu contexto em uma unidade mais complexa. Combinação e contextura são duas faces de uma mesma operação”(JAKOBSON, 1995, p. 39).

O princípio, portanto, é o da seqüência ou contigüidade. Já no segundo, a relação entre os elementos lingüísticos obedece ao critério de seleção, na medida em que um termo pode ser substituído por outro. O princípio é, pois, o da equivalência ou similaridade.

Para Lacan, na relação de substituição reside a força criativa da metáfora já que no momento em que um significante substitui outro significante se dá a produção de novas significações. Em *"Instância da Letra no Inconsciente..."* Lacan faz equivaler a metáfora à *Verdichtung*- condensação - freudiana para ressaltar que na metáfora um significante não se articula ao outro a partir da presença. Ao contrário, um significante é elidido na medida em que é substituído por um outro significante novo que condensa em si um novo sentido, que modifica o sentido de que o primeiro significante estava imbuído. Dessa forma, Lacan propõe a seguinte escrita para metáfora: $f(S'/S)S=S(+)$ s. Sendo que o (+) indica o engendramento de um novo significado.

Tais considerações serão ilustradas de forma interessante no exemplo do chiste "familiário". É Henrich Heine, autor privilegiado de Freud no seu livro sobre os chistes, que nos conta a história de H. Hyacinth, um necessitado vendedor de loterias, e seu encontro com um rico aristocrata, o Sr. Rothschild.. Quem relata a história a H.Heine é o próprio Hyacinth. Certa vez, Hyacinth descreve a honra que teve de tratar dos calos do pé do grande Rothschild, Natan, o sábio. Enquanto fazia sua tarefa, pensava como ele mesmo, H. Hyacinth, era um homem importante. Lembra-se, então, de um outro episódio em que conhecera outro Rothschild, Salomon Rothschild, rico vendedor de loterias. Ao anunciar-se em sua casa, Hyacinth, ouve uma resposta: *"Sim eu também sou vendedor de loterias, da loteria Rothschild, e não quero que meu colega entre pela cozinha"* (LACAN, 1957-8,1999, p. 26) . H. Hyacinth, então, exclama: *"Ele me tratou de maneira totalmente familiar."* (LACAN,1957-8, 1999, p.26)

Poderíamos entender, num primeiro momento, que o discurso parte do Eu e vai para o Outro. Mas ocorre justamente o contrário, na medida em que todo discurso parte do Outro e vai para o Eu, suporte da fala. É o que podemos notar com o fato de familiar nos remeter a familiar, o que coloca em pauta o que foi também proferido por Hyacinth, segundo Lacan: *"Eu tinha com S. Rothschild perfeita familiaridade"*. Em seguida, haverá a produção da mensagem na qual haverá a subversão do significante que está no código - familiar - pela intervenção de um outro significante - milionário - que designa o objeto metonímico β' , entendido por Lacan como fruto da identificação imaginária ao que o outro deseja. Nesse instante é promovido um abalo na cadeia significativa, pois algo da verdade presente na alienação de Hyacinth com o milionário aparece. A mensagem é então produzida na conjunção desses dois momentos, ou seja, o código é atravessado pelo que está em questão

para o sujeito - o milionário. Entretanto, para entendermos o essencial da produção da mensagem metafórica - *Famillionário* - é preciso ter em mente que há uma modificação da relação do sujeito com o Outro na medida em que se permite uma leitura da situação em que o sujeito se distancia de sua relação alienante como o Outro, nesse caso, o milionário. O significado corrente de familiar perde a importância, bem como o significado de milionário perde seu poder, surgindo no lugar a palavra *famillionário*, totalmente inusitada, estabelecendo uma nova significação e, porque não dizer, uma nova relação do sujeito com o Outro.

"Vemos que a metáfora se coloca no ponto exato em que o sentido se produz no não-senso, isto é, na passagem sobre a qual Freud descobriu que, transposta às avessas, dá lugar à palavra (...) que não tem outro patrocínio senão o significante da espirtualidade, e onde se vislumbra que é seu próprio destino que o homem desafia através da derrisão do significante."(LACAN, 1998, p.512)

Se no chiste deparamo-nos com a produção de um significante novo como efeito da substituição metafórica, não podemos dizer o mesmo para o lapso, no qual não há, propriamente, uma produção metafórica.

3.3.1.2 - Lapso - a metáfora mal sucedida

Lacan nos recorda mais uma vez a descoberta freudiana – o inconsciente e suas leis, ao demonstrar, como lhe é habitual, o rigor na leitura de Freud, dizendo que tanto nos sintomas, nos lapsos, sonhos e chiste o que o inventor da psicanálise faz é propor leis de funcionamento do inconsciente que nada têm a ver com as leis da consciência, da atenção ou percepção constituinte de uma certa concepção de sujeito. Freud colocou em questão a função de síntese do eu trazendo para a cena uma divisão mais profunda. Algo ocorre à revelia de um eu garantidor da unidade e identidade do sujeito e objeto. Como Freud nos fala dessa divisão? A

análise dos chistes já nos oferece bons exemplos, mas mais uma vez encontramos Freud, em “Psicopatologia da Vida Cotidiana”, ressaltando que o esquecimento de um nome pode colocar em jogo um deslocamento que

“não está entregue a uma escolha arbitrária, mas segue vias previsíveis que obedecem a leis. Em outras palavras, suspeito que o nome ou os nomes substitutos ligam-se de maneira averiguável com o nome perdido”(FREUD, 1980, p. 19).

A proposta de Freud para analisar esse esquecimento é isolar a parte da palavra de um nome que foi recalcada e reencontrar um certo sentido a partir de sua associação com outra. Lacan procura demonstrar, a partir das leis propostas por Freud, que o que está em jogo são as leis da linguagem. O deslocamento freudiano nos remete ao segundo princípio de Saussure, qual seja, o caráter linear do significante.

“O significante sendo de natureza auditiva, desenvolve-se no tempo, unicamente, e tem as características que toma do tempo a) representa um extensão e b) essa extensão é mensurável numa só dimensão: é um linha.” (SAUSSURE, 1989, p. 84)

Os significantes se combinam na cadeia significante, sendo que os efeitos de significação só surgem na combinação de significantes na medida em que um remete ao outro. Esse princípio é retomado quando Saussure nos propõe a noção de Valor que, em última instância, ratifica a proposição de que um significante não tem propriedades *a priori* a não ser em sua relação com outro significante. Lacan nos fala que o Valor fica explícito na metonímia tal como Jakobson a definiu. Lacan procura nos demonstrar, a partir das leis da linguagem, como a metonímia está em jogo no êxito ou fracasso de uma criação metafórica. Veremos porque no lapso ela já nos é importante e a retomaremos a seguir quando falarmos mais especificamente da metonímia.

Se no chiste há um engendramento de sentido, não podemos dizer o mesmo do lapso. Tomando como paradigma o chiste produzido na criação da metáfora *famillionário*, algo foi

criado justamente quando a dimensão do outro captava o sujeito deixando-o em dívida. Sobre o objeto metonímico, Lacan nos diz várias vezes que o que ele denuncia é muito mais o que o vendedor era para o milionário do que o inverso “*é muito mais o milionário que o possui*” (LACAN, 1957-8, 1999, p. 27). Mas o sujeito sai dessa posição ao produzir um sentido novo.

Já no esquecimento do nome relatado por Freud em “Psicopatologia da Vida Cotidiana”, falta a criação de um sentido novo. Freud não consegue lembrar o nome de um famoso pintor italiano – **Signorelli**. O motivo do esquecimento só pode ser recuperado no contexto de uma conversa sobre o costume dos turcos que vivem na **Bósnia e Herzegovina**. O turcos possuem grande confiança nos médicos e resignação à morte apresentadas nessa expressão “**Herr**, o que se há de dizer?” Freud avança dizendo que seu curso de pensamento foi perturbado mesmo antes de terminar essa história, a fim de contar uma anedota, sobre relação dos turcos com a sexualidade. Esta exerce tal importância na vida turca que um dano nesse plano é visto como morte. Mas Freud não somente não chega a contar sua anedota como desvia sua atenção do tema morte e sexualidade. A razão de tal recusa está na notícia recebida por Freud em **Trafoi** de que um paciente que sofria de distúrbios sexuais havia suicidado.

Freud recupera o motivo de seu esquecimento a partir de todo esse contexto em que aparece não só a morte mas também a sexualidade ligada à morte. Para Freud esse tema se revela de especial interesse, pois denuncia o fracasso de sua mestria de médico, sua impotência diante da doença que ele não cura. Signorelli foi esquecido por sua relação com Herr. Podíamos pensar que Signorelli seria um substituto metafórico de Herr, mas não o é, pois nada pode servir como criação de Freud para lidar com o tema morte e sexualidade. Ao contrário, o que fica evidente são os destroços metonímicos. Esses são recuperados pelas associações de Botticelli e Boltraffio com Herzegovina, Bósnia e Trafoi. Esse contexto nos

mostra Freud capturado pelas “coisas derradeiras” - o famoso quadro de Signorelli - mas sem poder dar a elas alguma significação que mediasse o que se passava com ele e a morte. Freud recalca Signor justamente por recusá-la. Essa parte é deslocada mas não resignificada. Com essa decomposição, esse sentido não consegue ser subvertido mas somente recalçado, reaparecendo no circuito de repetição do retorno do recalçado.

"Esquecer um nome não é simplesmente uma negação, é uma falta, mas desse nome. Não é pelo fato de um nome não ser retido que há a falta. Não, há a falta desse nome." (LACAN, 1957-8, 1999, p. 64)

Há a falta da criação de um nome que recobrisse o insuportável com que Freud se vê confrontado, diante disso aparecem os destroços metonímicos provenientes dessa dificuldade de criação de um significante que pudesse subverter essa condição.

Veremos, entretanto, a seguir, como a metonímia pode propiciar o engendramento do uma nova significação no chiste.

3.3.1.3 - A metonímia - substrato da criação

No capítulo IV de *"O Seminário. Livro V: as formações do inconsciente"*, Lacan dedica-se a formalizar o que já havia dito nos capítulos anteriores sobre a metáfora e o lapso. A metonímia presente nas entrelinhas das considerações iniciais recebe aqui destaque, já que é a base sobre a qual pode haver a produção de um sentido novo que tem seu ponto máximo na metáfora. O sentido só aparece no equívoco, no mal entendido e disso nos dá exemplo a experiência freudiana.

De fato, para alcançarmos a novidade das formações do inconsciente, temos que partir não de sentidos fixados e sim, do inusitado. A metonímia coloca em relevo o ponto indeterminado do sentido. Em *"Instância da Letra no Inconsciente..."*, Lacan define a

metonímia a partir da *Verschiebung* - deslocamento - freudiano em que há uma transposição da significação na medida em que um significante remete à presença de outro significante. Dessa forma, a metonímia demonstra em sua radicalidade o caráter linear do significante, em que um significante não é isolável e sim articulado numa cadeia. Tal consideração, ressalta a impossibilidade de se fixar um sentido, ao contrário, o sentido sempre produzido no deslizamento. Este se faz na cadeia significante, onde um significante remete a outro significante atestando que um significante, em última instância, por si só nada significa. Assim, a escrita da metonímia proposta por Lacan, $f(S...S')$ $S=S(-)s$, traz o - entre parêntesis para designar a resistência à produção de uma significação.

Para Lacan, devemos ler o chiste bezerro de ouro a partir dessa perspectiva. Para tal é necessário acompanhar as sutilezas do pensamento de Freud.

O chiste é produzido no diálogo de Heine com o poeta F. Soulè. Forma-se uma aglomeração num salão em torno de um senhor idoso, aureolado com todos os poderes. Num certo momento Soulé exclama com admiração: "*Veja como o século XIX adora o bezerro de ouro!*" (LACAN, 1957-8, 1999, p.73). Heine, com olhar desdenhoso, diz: "*É, mas este parece ter passado da idade*".(LACAN, 1957-8, 1999, p.73).

O chiste não é produzido na metáfora do poeta Soulè. Quando participamos da tirada espirituosa sabemos que algo se passa na brincadeira com o significante bezerro. Não houve a produção de um novo significante, podemos pensar que houve uma mudança de contexto. Entretanto, lidamos com a produção de um novo sentido presente na destituição de um sentido já esperado, já fixado no código, na cultura. Ao rirmos, acolhemos essa abertura, a possibilidade do novo, mesmo que nada tenha vindo no lugar de algo anterior. Essa é a própria radicalidade do sentido, que não fica aqui tão bem explicitada do que quando Lacan

nos traz a dimensão do pouco de sentido e do passo do sentido presente também em "*O Seminário. Livro V: as formações do inconsciente*". O sentido é passagem, sendo por isso que Freud nos fala de algo não analisável nesse chiste, expresso na dificuldade em fixar algum sentido.

Após termos feito essa incursão sobre como se dá o chiste, é possível entender a definição proposta por Lacan. Para ele, o chiste pode ser definido pela produção da mensagem em oposição ao código, na medida em que há o surgimento de um significante novo. Entretanto, falta ainda colocar em relevo um outro aspecto da definição do chiste, no qual reside o lugar de destaque dado por Lacan à tirada espirituosa. A diferença existente entre mensagem e código ocorre na medida em que o Outro sanciona essa diferença. Para que o chiste aconteça é necessário que o Outro acolha a mensagem e inscreva esse novo significante no código. Desse modo, para que a mensagem se inscreva de alguma forma no código é necessária a intervenção do Outro que se dá no reconhecimento do que se quer dizer está para além do que foi dito, consentido, assim, na abertura própria do sentido.

Na segunda parte de "*O Seminário. Livro V: as formações do inconsciente*", intitulada "A Lógica da Castração", Lacan articula o que havia dito sobre o chiste com o Nome-do-Pai, o que será longamente discutido por ele a partir da formalização da metáfora paterna e dos três tempos do Édipo

A satisfação do sujeito que Lacan reconhece no chiste é a realização do desejo que se dá na mensagem na medida, em que o desejo passa pelo significante. É essa satisfação que Lacan reconhece em Freud, a partir da teoria da tirada espirituosa⁷. A teoria do desejo nesse

⁷ Jésus Santiago (1999) em seu texto "Descontinuidade e Continuidade na retórica do Witz: franqueamento da metáfora ou finalidade do *Lust*" nos permite verificar uma diferença na concepção de satisfação do chiste em Lacan e em Freud. Lacan destaca o aspecto do trabalho presente na técnica verbal do chiste, que encontra sua explicação no acolhimento que o Outro faz da mensagem. Esse acolhimento se faz a partir do reconhecimento do

momento está vinculada à ordenação lógica dos três tempos do Édipo, já que o sujeito é introduzido no desejo a partir do momento em que sua relação com a mãe não se dá por uma dependência vital e sim, pela dependência do desejo de seu desejo, que será representado, em última instância, pelo falo.

Quando Lacan propõe uma ordenação lógica aos três tempos do Édipo é para marcar a incidência do Outro no desejo da mãe, que faz com que o desejo dela seja regulado pelo falo. Isso possibilitará a identificação da criança, num primeiro momento, ao falo imaginário para, num momento posterior, admitir o falo como o que deve se ter e não o que é.

O que vale ressaltar é que a incidência do Outro como regulador do desejo marca a especificidade da satisfação legitimada por Lacan nesse momento, que é o reconhecimento de que o que se quer dizer está para além do que foi dito. O que permite esse reconhecimento é a existência do Outro no Outro, que marca o desejo como algo que está mais além, imprimindo uma lei no desejo da mãe. Esse Outro no Outro é o Nome-do-Pai, que exerce sua Lei na medida que ratifica a mensagem, acolhendo-a no código, fazendo possível o surgimento do sujeito, possibilitando que este saia da posição de assujeitamento ao capricho materno.

A partir dessas considerações, é possível notar que Lacan privilegia o chiste por colocar em relevo o Nome-do-Pai como significante que no Outro representa a Lei. A Lei do Pai se diferencia da regra, segundo Miller, por acolher a exceção, presente no significante

Outro que o que se quer dizer está mais além. Essa consideração está ancorada no desejo como insatisfação permanente da linguagem, já que resulta da defasagem produzida na insatisfação da demanda em que não se obtém o que se pede. É por essa razão que o grafo elaborado em “*O Seminário. Livro V: as formações do inconsciente*” é denominado grafo do desejo e não grafo da pulsão ou do prazer. Freud, apesar de ressaltar a técnica do chiste, insiste que sua finalidade, em última instância, é a satisfação pulsional. Quando lemos Freud é possível diferenciar os chistes tendenciosos dos chistes inocentes. Os primeiros fazem rir mais que os inocentes por serem mais obscenos, agressivos ou culpáveis, colocando em relevo, portanto, a satisfação da pulsão. Entretanto, as elaborações propostas por Lacan, acerca do chiste culminam na discussão sobre a articulação da pulsão com a cadeia significante que não serão sem consequência para a prática e teoria lacaniana. De fato, ao tocarem na relação contínua ou descontínua da cadeia significante com a pulsão, com o gozo, abrem o campo para pensarmos numa primeira e segunda clínica de Lacan.

novo da mensagem. Assim, o Nome-do-Pai garante que a ordenação simbólica não se confunda cegamente com o código, ratificando a mensagem, ou seja, legitimando-a. (MILLER,1999, p.39)

Nessa perspectiva, acredito ser possível entender a articulação Nome-do-Pai como o ponto de base maior da ordem simbólica, com a mensagem, já que essa se dá na produção de um significante novo, o que torna possível o surgimento de uma nova significação no desenrolar da cadeia significante.

A inexistência desse operador faz com que haja uma ruptura na cadeia significante, ocasionando um curto-circuito no vaivém entre código e mensagem, o que torna possível a produção do enigma como emergência do significante no real.

Nesse sentido, gostaria de retomar o que falamos sobre o lapso e estabelecer uma diferença com o que se passa na psicose. No lapso há o fracasso da produção metafórica, justamente por encontrar um vazio no lugar onde poderia surgir um significante para recobrir, de alguma forma, o real da castração. No exemplo dado, tal fracasso constitui-se como lapso e não como um enigma psicótico. No lapso a dimensão do Outro estava presente como acolhendo a ausência de uma palavra, que embora não elaborado enquanto tirada espirituosa, serviu como passo para o surgimento de um sentido que pode ser de alguma maneira construído pela interpretação de Freud.

Devido à possibilidade de interpretação, e, conseqüentemente, de um sentido acolhido pelo Outro, podemos inferir que no fracasso presente no lapso está operante o Nome-do-Pai, mesmo que ainda não haja a metáfora. Assim, o lapso, quando é acolhido pelo Outro, pode servir como uma abertura para a criação metafórica.

Já no enigma na psicose, não há essa possibilidade, ficando o sujeito aprisionado em significantes que não permitem uma apropriação de sentido por ele.

Passemos, então, a tratar com mais detalhes do enigma na psicose como efeito da foraclusão do Nome-do-Pai, ou seja, como efeito da não operação do Nome-do-Pai como garantidor da ordem simbólica.

3.4

O enigma como a aparição do significante no real, decorrente da foraclusão do Nome-do-Pai

As considerações feitas no item anterior - 3.3 - são especialmente importantes, pois justifica todo o percurso feito até aqui. Como vimos no capítulo anterior e recordamos no início deste capítulo, a noção de enigma pode ser pensada a partir da aparição do significante no real. Em "*O Seminário. Livro III: as psicoses*" foi possível notar que a noção de enigma aparece quando Lacan nos fala dos fenômenos de código e mensagem, na medida em que nessas alucinações os significantes rompem a malha discursiva, ocasionando uma ruptura da cadeia significante. Novamente, em "*O Seminário. Livro V: as formações do inconsciente*", Lacan recorre a esses fenômenos paradigmáticos do presidente Schreber, a partir dos quais podemos, mais uma vez, extrair a noção de enigma. Todavia, nesse seminário há outros elementos teóricos importantes. O enigma pode ser pensado como aparição do significante no real devido à impossibilidade da articulação entre código e mensagem, já que o Nome-do-Pai como significante da Lei está foracluído. Os dois exemplos de alucinação do Presidente

Schreber são paradigmáticos para demonstrar o que a ausência do significante Nome-do-Pai produz.

Os fenômenos de código constituem a língua fundamental, *Grundsprache*, do Presidente Schreber. Segundo Lacan, esses fenômenos se aproximam do que os lingüistas chamam de mensagens autonômicas, pois é o próprio significante e não o que ele significa que é fundamental à comunicação. Já os fenômenos de mensagem se caracterizam por emissão de frases que obrigam o sujeito a uma réplica. Vale ressaltar que a emissão das frases se interrompem no ponto onde termina o grupo de palavras denominadas termos-índice que indicam a possibilidade de localização do sujeito na mensagem. O sujeito fica, portanto, em suspenso nos fenômenos de mensagem. Em ambos fenômenos, Lacan resalta a predominância da função do significante, pois eles atestam a relação entre código e mensagem na medida em que indicam um defeito no lugar onde a mensagem teria a possibilidade de vir a se constituir, apontando um verdadeiro curto-circuito no grafo. Portanto, nesses fenômenos há uma ruptura da cadeia significante produzindo um vazio na significação, na qual a mensagem deveria ser produzida, sendo os fenômenos de código os que apresentam mais claramente essa ruptura por ressaltar que não há produção de mensagem, e sim, a presença de significantes que remetem a eles mesmos não querendo nada significar.

Assim, esses significantes aparecem fora da cadeia significante na medida em que estão fora do circuito estabelecido entre código e mensagem, o que possibilitaria o surgimento do sujeito na cadeia significante.

Para Lacan, o que é produzido nessas alucinações é essencialmente enigmático para o sujeito, já que o Outro é abolido, enquanto aquele que pode garantir que a cadeia significante

se desenrole. Para tal, é necessário que se estabeleça o grande circuito entre código e mensagem. É o que nos diz Lacan acerca dos fenômenos de código:

"Cada uma dessas palavras tem seu peso próprio, sua ênfase, sua pesagem significativa. O sujeito as articula relacionado-as entre si. Toda vez que são isoladas, a dimensão propriamente enigmática da significação, por ser infinitamente menos evidente que a certeza que ela comporta, é realmente impressionante. Em outras palavras, o Outro só faz emissões aqui para além do código, sem nenhuma possibilidade de integrar nelas o que possa provir do lugar onde o sujeito articula sua mensagem" (LACAN, 1957-8, 1999, p.161)

Desse modo, a noção de enigma na psicose pode ser pensada a partir da ausência da operação da metáfora paterna, trazendo para primeiro plano a presença de significantes, que não se articulam uns com os outros na cadeia significante, colocando em xeque a produção de significações, decorrente da amarração entre significante e significado que o Nome-do-Pai possibilita.

O enigma, em última instância, coloca em questão a relação do sujeito com o Outro da linguagem, na medida em que atesta a existência de significantes que não visam a produção de uma mensagem como laço entre o sujeito e o Outro.

Dessa maneira, o enigma coloca em questão todo um modelo de interpretação pensado a partir da operação da metáfora paterna.

Nessa perspectiva, o texto de Colette Soler nos dá indicações precisas.

Soler (1993) em seu texto "L'Expérience énigmatique du psychotique, de Scherber à Joyce" nos fornece considerações importantes nessa direção. De fato, ela enfatiza que a experiência enigmática não designa um estado de estranheza provocado no examinador pelo psicótico, como é explicado pela psiquiatria fenomenológica, mas sim um efeito do significante, conforme o que podemos extrair do texto de Schreber. Todavia é a partir de uma afirmação de Lacan no texto "*De uma questão preliminar a todo tratamento possível das*

psicoses" que a autora nos chama atenção para aspectos teóricos importantes na investigação da noção de enigma.

Quando Lacan comenta a respeito dos fenômenos de código, ele faz a seguinte observação:

"Observamos por outro lado que estamos na presença desses fenômenos erroneamente chamados intuitivos, pelo fato de o efeito de significação antecipar-se, neles, ao desenvolvimento desta. Trata-se, na verdade, de um efeito de significante, na medida em que seu grau de certeza (segundo grau: significação de significação) adquire um peso proporcional ao vazio enigmático que se apresenta inicialmente no lugar da própria significação."(LACAN, 1998, p.544-545).

Essa consideração permite Soler enfatizar que a experiência enigmática é um efeito do significante, mas assinala que não está aí toda sua substância, marcando já o retorno do significante no real como fundamental para a experiência enigmática.

De fato, em *"Instância da Letra no Inconsciente..."*, quando Lacan nos diz que a significação é efeito da combinatória significante, ele afirma que o significante, por sua natureza, sempre se antecipa ao sentido. Contudo, para entendermos o que se passa na experiência enigmática, temos que admitir uma quebra na cadeia significante, fazendo com que não se produza uma significação e sim, o aparecimento de significantes fora-da-cadeia. Esses significantes ganham um caráter de certeza, por não estarem ordenados numa cadeia significante, que como vimos, é decorrente da operação da metáfora paterna.

Assim, a autora recupera a definição da experiência enigmática ressaltando, no bojo dessa experiência, a transformação de uma negatividade em uma positividade. Há num primeiro momento um vazio na significação, uma impossibilidade de responder à questão "o que isso significa" que se transforma, num segundo momento, em certeza de uma significação, embora essa significação permaneça inapreensível para o sujeito. Essa certeza

paradoxal traz a dimensão da aparição do significante no real, à medida que o significante revela uma densidade, uma espessura, mas sem a possibilidade de produção de uma significação⁸.

Essa definição do enigma, como vimos no primeiro capítulo, não é nova. A novidade do texto de Soler reside na articulação do enigma - como um efeito de significação consistindo na aparição do significante no real - com alguns aspectos do grafo do desejo, que viemos discutindo até aqui.

De fato, o próprio Lacan, ao falar dos fenômenos de código e mensagem, sugere já em seu texto "De uma questão preliminar..." a articulação com o grafo do desejo.

"Tudo exigiria ser transposto com o máximo de cuidado para um grafo, no qual tentamos, nesse mesmo ano, apresentar as conexões internas do significante na medida em que estruturam o sujeito". (LACAN, 1998, p. 547)

Para iniciar sua reflexão, Soler nos diz que o enigma se deve, primeiramente, a um vazio na significação. Esse vazio na significação é engendrado por um defeito no ponto de basta decorrente da forclusão do Nome-do-Pai. Esse defeito no ponto de basta faz como que

⁸ Nesse momento de nossa discussão é importante fazermos uma pequena digressão, a partir do comentário de Récanati (1979) sobre o duplo aspecto do signo, caracterizado pela dualidade existente entre a transparência e opacidade. Essa dualidade do signo foi ressaltada com propriedade pela filosofia contemporânea da linguagem. Ao considerar o signo temos que admitir que, além do signo ter uma função de representação, ou seja, de representar a coisa significada, o signo também deve ser considerado como coisa. A própria definição do signo como **coisa representante** nos indica esse duplo aspecto do signo. Assim, ele é **representante** na medida em que representa uma outra coisa diferente dele mesmo, mas é também uma **coisa** como qualquer outra. Quando o signo perde sua função de representar outra coisa diferente dele mesmo, o signo passa a remeter somente a ele mesmo. O signo, então, passa a possuir sua independência como coisa, tornando-se opaco. Essa opacidade que o signo passa a revelar se distingue da transparência, que o permitia remeter a uma outra coisa. Dessa forma, opacidade e transparência são dois destinos possíveis do signo (RÉCANATI, 1979, p.15-48). Como sabemos, Lacan trabalha com a primazia do significante, diferenciando-o do signo. Não temos como objetivo fazer uma reflexão sobre a diferença entre signo e significante nesse momento, mas tão somente mostrar a pertinência dessas considerações estabelecidas no seio da filosofia contemporânea da linguagem para o que estamos discutindo. Com efeito, podemos pensar que o significante, quando não remete a outro significante, ganha uma opacidade, pois remete somente a ele próprio, perdendo sua função de transparência que se refere à propriedade do significante de remeter a outro significante diferente dele mesmo. Podemos pensar, ainda, que a transparência do significante é condição da ordenação da cadeia, que é responsável pela produção de uma significação. De qualquer modo, essa afirmação é somente produto de uma digressão a partir das elaborações propostas, podendo servir apenas como ensejo para uma investigação.

a mensagem que se constitui como significado do Outro $s(A)$ não se produza. Essa formulação nos leva a uma forma mais complexa do grafo, que apesar de aparecer em "*O Seminário. Livro V: as formações do inconsciente*", ganha sua escrita final no texto "*A subversão do sujeito e a dialética do desejo no inconsciente freudiano*" (1998). Não entraremos na discussão da formulação mais complexa do grafo, por ser suficiente, nas elaborações propostas, o que já falamos sobre a mensagem, na medida em que ela se refere à articulação entre o sujeito e o significante. Dessa forma, a escrita $s(A)$ é mais uma maneira de enfatizar que a produção da mensagem revela a constituição do sujeito pelo Outro, pelo significante. Todavia, não um Outro qualquer, ou um Outro do código, mas um Outro que acolha a mensagem do sujeito, o surgimento de significantes inusitados, garantindo a produção de novas significações na cadeia significante.

Como vimos, é o significante Nome-do-Pai que admite a constituição de mensagem, já que possibilita o ordenamento da cadeia significante que tem como efeito a produção da significação fálica, fazendo a amarração entre simbólico e imaginário. Se esse significante está foracluído, a mensagem não pode ser produzida. Para Soler não é sem razão que Lacan circunscreve o enigma aos fenômenos de código. Como já salientamos, eles colocam com mais nitidez a não produção de mensagem, ficando o sujeito completamente submetido a um Outro tirânico. É o que Soler propõe com a escrita da célula elementar do grafo do desejo na psicose.



psicose

Assim, a não produção da mensagem se dá como um vazio na significação, que em última instância, remete a um vazio onde deveria ser produzida a significação fálica. Quando falamos da operação da metáfora paterna, vemos que o Nome-do-Pai faz manter a ordem significante, porque implica na produção do falo como significação, que substituiria a incógnita do desejo da mãe. Essa operação é a operação paradigmática da ordem simbólica. Como já dissemos, o Nome-do-Pai é o ponto de basta maior da ordem simbólica, porque tem como efeito não somente o falo como significação, mas também toda significação como fálica. Quando não há a operação da metáfora paterna, não é possível o encadeamento significante e, conseqüentemente, a produção da significação fálica. Como conseqüência teremos significantes fora-da-cadeia, assemânticos, por carecerem de efeito metafórico. Esses significantes aparecem então no real carregados de certeza. Essa certeza, entretanto, não revela qualquer possibilidade de significação, ou melhor dizendo, a significação fica sempre em suspenso para o sujeito, já que não há um encadeamento significante (SOLER, 1993, p.53-59).

Portanto, o enigma coloca uma questão à Lei da linguagem, na medida em que a cadeia significante deve admitir a articulação de pelo menos dois significantes. Ou dizendo de outra forma, o enigma coloca uma questão sobre o que acontece quando a cadeia é quebrada, quer dizer, quando o significante não está mais no simbólico, mas no real (SOLER, 1993,p.53-59).

Como foi possível notar, a forclusão do significante Nome-do-Pai é o paradigma para se pensar a psicose, já que toda teoria desse momento se baseia na constituição do sujeito a partir do Outro do significante. A noção de enigma aparece, então, na obra de Lacan dos anos cinquenta dentro dessa mesma perspectiva, ou seja, a partir da não operação da metáfora

paterna. Entretanto, a noção de enigma coloca em primeiro plano, já nesse momento, o surgimento de significantes fora-de-cadeia, desarticulados do simbólico. Esses significantes aparecem no real, pois estão fora da ordenação simbólica. Nesse sentido, eles carregam um valor de certeza, que é paradoxal, pois na verdade essa certeza remete, em última instância, a um vazio.

Se a ênfase da teoria lacaniana das psicoses é dada, a partir do texto de Schreber, à construção da metáfora delirante, numa tentativa de reatar simbólico e imaginário, desarticulados pela forclusão do Nome-do-Pai, o enigma, mesmo que timidamente, aponta para a presença de significantes no real, totalmente desarticulados do simbólico.

Nessa perspectiva, o enigma faz um chamamento à questão de admitir a presença de significantes que não se produzem na mensagem, colocando em questão a possibilidade de laço entre o sujeito e o Outro do significante. Dessa forma, esses significantes se mostram indiferentes à tentativa de interpretação, colocando em questão toda uma teoria sobre o simbólico como cadeia significante, a partir da qual são engendradas as ficções da significação" (SOLER, 1993, p.53-59).

É por essa razão que o enigma passa a ter um lugar privilegiado a partir da necessidade de se admitir na teoria psicanalítica o surgimento do significante no real, o que será responsável por todo desenvolvimento da noção de Letra e também pelas novas elaborações sobre o sentido, presentes nos textos mais tardios de Lacan. Foge ao escopo desta dissertação, que visa simplesmente o estudo do enigma a partir da teoria da forclusão do Nome-do-Pai, o tratamento dessas questões. Entretanto, não é possível deixar de mencionar a afirmação de Lacan sobre o enigma, presente no escrito em 1973 *"Introdução à edição alemã de um primeiro volume dos Escritos"*: *"É sensível que o cúmulo do sentido é o enigma"*. (LACAN,

1988, p.7). Distintamente de se pensar o sentido em termos de uma amarração entre simbólico e imaginário, o sentido é agora pensado a partir da metáfora de um tonel, ou seja, o sentido se deixa apreender somente num escoamento contínuo. Contudo, nesse escoamento permanente rastros vão sendo deixados. Nessa perspectiva, o enigma está associado à idéia de um tonel de sentidos, ressaltando a semelhança, mais com os rastros deixados pelo escoamento de sentido do que com sua ausência (MANDIL, 1999).

Dessa forma, podemos entender que o enigma não se esgota com o deciframento. Além disso, a idéia de rastro nos permite pensar numa certa opacidade⁹, fixação presente no enigma.

Apesar de não me aprofundar nessas considerações, considero importante o caminho percorrido na escrita desta dissertação me conduziu, já que possibilitou colocar-me questões, a partir das elaborações de Lacan sobre as psicoses nos anos 50, que serão trabalhadas em seus textos mais tardios num caráter muito mais amplo. As questões que aparecem articuladas ao enigma na psicose serão cruciais numa certa mudança de curso da teoria lacaniana, trazendo como central para a experiência psicanalítica o real e não mais a primazia do simbólico.

⁹ ver nota de rodapé no. 6.

CONCLUSÃO

O enigma tem lugar na obra de Lacan dos anos 50, a partir das memórias do Presidente Schreber e das elaborações feitas por Freud sobre a psicose baseadas nesse caso. O enigma é, então, delimitado na eclosão do delírio do Presidente Schreber, a partir dos fenômenos de código e mensagem, nos quais são apresentados significantes que rompem a cadeia, ou na imagem metafórica criada por Lacan, significantes que são uma espécie de chumbo na malha. Assim, nos fenômenos de código, encontramos significantes que remetem somente a eles próprios, impossibilitando o surgimento de uma significação na cadeia significante, já que não se permitem dissolver na articulação com outros significantes. Carregam, portanto, uma fixidez, uma densidade. Como exemplo, poderíamos citar a língua fundamental, a *Grundsprache*, de Schreber. Fazem parte da *Grundsprache* alguns significantes especialmente enigmáticos para o sujeito, como *Seelenmord*, assassinato d'alma. Embora essa palavra-chave do delírio de Schreber se imponha ao sujeito como uma desordem no sentimento mais íntimo da vida e o leve a mudar sua relação com o mundo, não deixa de ser enigmática. A peculiaridade dessa palavra não passa desapercibida para Lacan, o que é expresso na pergunta que ele faz ao ressaltar a relação de Schreber com essa palavra: o que poderia dizer assassinar uma alma? (LACAN, 1955-6, 1988, p. 42). Nessa mesma perspectiva, podemos pensar na palavra *Nervenanhang*, anexão-de-nervos, que chega ao Presidente Schreber pelas almas ou pelos raios divinos. Ele não a compreende, o que, não obstante, exerce sobre ele uma imposição, devido ao caráter de entificação que essa palavra assume.

Já nos fenômenos de mensagem o sentido fica em suspenso para o sujeito porque a mensagem proveniente do Outro não se completa. Nas mensagens interrompidas, a relação estabelecida entre Schreber e seu interlocutor divino parece ser de um desafio. O Outro emite frases que terminam justamente no ponto onde o sujeito deveria se situar na mensagem. Como, por exemplo, nas frases "*Você deve...*", "*Nisso eu quero...*". As respostas que acompanham essas frases interrompidas sempre chegam ao sujeito como imposição, fazendo com que mais uma vez ele não possa se apropriar do sentido em questão.

Desse modo, já é possível ressaltar que o enigma coloca um aspecto paradoxal na produção das significações. O que esses fenômenos puderam demonstrar é a presença de significantes que, ao não se articularem na cadeia significante, têm como produto a suspensão paradoxal da significação que se caracteriza pela presença de que algo significa, embora não seja possível apreender o que está em questão. Esses significantes fora-da-cadeia têm como efeito a produção de uma significação que, embora inefável, incompreensível para o sujeito, não deixa de ter um caráter de imposição, de certeza.

Apesar da noção de enigma não ser uma categoria da psicopatologia, a incompreensibilidade e estranheza de algumas significações foram ressaltadas como fundamentais no delírio psicótico, pelo menos por dois importantes teóricos dessa disciplina. Um deles é Jaspers (2000), que estabelece como central à vivência delirante primária o fato de, para o psicótico, tudo ter uma nova significação envolvida em uma estranheza e imprecisão. O outro é Conrad (1963), que também resalta o caráter de estranheza e indefinição presente nas três fases do delírio psicótico: o *trema*, a fase apofântica e a fase apocalíptica.

Entretanto, Lacan analisa os fenômenos cruciais do delírio de Schreber a partir de uma perspectiva epistemológica distinta da psicopatologia fenomenológica, que tem como um de seus pilares teóricos a noção de compreensão.

Na introdução de "*O Seminário. Livro III: as psicoses*" (1955-6, 1988), por exemplo, Lacan faz uma crítica à noção de compreensão introduzindo a teoria da linguagem como eixo de sua sustentação teórica.

Lacan recolhe as considerações cruciais no campo da psicopatologia oferecendo a elas um outro campo de análise distinto da compreensão. A psicopatologia coloca o fenômeno psicótico como o que escapa à compreensão, aparecendo na ruptura da fala do paciente. Lacan toma essa afirmação primordial, mas a articula segundo o modelo estruturalista da linguagem. Tal articulação é profícua, porque mostra o engodo da compreensão, na medida em que essa se funda na crença de uma relação necessária entre significante e significado. Desde o advento da lingüística estrutural foi possível entender a língua como um sistema puramente diferencial, cujos elementos são definidos a partir de sua relação com os outros elementos do sistema, não havendo nada na estrutura da língua que garanta a identidade de um enunciado a um referente.

"o significado é coisa totalmente diversa - é a significação, sobre a qual eu expliquei para vocês, graças a Santo Agostinho, que é lingüista tanto quanto Sr. Benveniste, que ela sempre remete à significação, isto é, a uma outra significação."(LACAN, 1955-6, 1988, p. 43)

Desse modo, Lacan mostra os equívocos nos quais a análise da psicopatologia fenomenológica incorre ao definir que o absurdo que a psicose introduz na comunicação se refere ao fato da introdução de alguns significantes que rompem a malha do discurso. Para Lacan, romper a malha do discurso não é um privilégio da psicose. O que o processo analítico

vem demonstrar é que a significação se produz na relação entre os significantes. Sendo, a partir da ambigüidade dos significantes, do equívoco, do mal entendido que se chega a novas significações. O que a psicose nos mostra de forma peculiar é uma fratura radical da significação, que coloca em questão a ordem de articulação entre os significantes.

A noção de enigma ganha nesse contexto uma relevância fundamental, já que constitui o ponto privilegiado de delimitação teórica acerca da fratura da significação, que é, em última instância, decorrente de uma quebra radical da cadeia significante.

Se a cadeia significante é o "lugar tenente" do simbólico, o enigma coloca em questão a hegemonia simbólica, justamente por se caracterizar por significantes que não se articulam na cadeia, aparecendo, portanto, no real.

Com efeito, é possível notar como a psicose é privilegiada por Lacan para falar do retorno no real, daquilo que não foi inscrito simbolicamente. Assim, já no escrito "*Resposta ao Comentário de Jean Hypollite...*" (1998), o mecanismo da psicose - a *Verwerfung* - diz respeito a uma abolição simbólica, ou seja, a ausência de uma primeira inscrição simbólica. Contudo, é a partir de "O Seminário. Livro III: as psicoses" que encontramos a preocupação de Lacan em discutir sobre o que faz com que os significantes se articulem, já que na psicose há presença de significantes que não estão encadeados com outros significantes, o que nos permite questionar o caráter necessário dessa organização. A partir dessas elaborações teremos as primeiras formulações acerca do Nome-do-Pai, que ganharão maturidade no escrito "*De uma questão preliminar a todo tratamento possível das psicoses* (1998)" e em "*O Seminário. Livro V: as formações do inconsciente*" (1957-58, 1999), no qual teremos a formulação do Nome-do-Pai como um significante privilegiado, ou seja, como um significante que se diferencia dos outros por conferir autoridade à Lei. Entretanto, para

entendermos essa afirmação é preciso considerar a relação entre o princípio da consistência da linguagem e a Lei. Para que um sistema tenha consistência é preciso que haja uma Lei, que estabeleça a partir do veto de impossibilidade, um universo de enunciados possíveis. Além disso, é importante ter em mente o estatuto arbitrário da Lei, já que não há nada que confira necessidade à mesma. No que se refere à psicanálise, é o significante do Nome-do-Pai que, através da Lei da interdição do incesto, veicula o veto de impossibilidade que garante a ordenação simbólica, ou seja, o ordenamento da cadeia significante. Nessa perspectiva, podemos entender a formulação de Lacan acerca do Édipo e da metáfora paterna.

O Nome-do-Pai é o significante que permite dar significação à incógnita do desejo da mãe, na medida em que interdita o acesso imediato, tanto da mãe quanto da criança, ao objeto de desejo, mostrando que o desejo está regulado por uma Lei a que ambos devem se submeterem. Essa operação tem como resultado a produção da significação fálica como ordenador do acesso do sujeito ao seu desejo. Desse modo, podemos entender o Nome-do-Pai como o ponto de basta maior da ordem simbólica já que ele garante a ordenação significante, estabelecendo como efeito o falo como significação e qualquer significação como fálica.

Essas considerações são especialmente importante para o que estamos discutindo sobre o enigma. A não operação do Nome-do-Pai não possibilita o encadeamento significante, fazendo com que haja uma quebra na cadeia. Os significantes aparecem desarticulados, fora-da-cadeia, tendo como efeito a produção do enigma que paralisa o sujeito numa suspensão da significação.

Cabe, ainda, para esclarecermos o que se passa no enigma, entendermos a relação da produção da mensagem com o Nome-do-Pai.

Lacan reserva à mensagem um lugar privilegiado em vários de seus textos, já que ela revela que a produção da significação não se dá numa relação dual com o outro semelhante, mas sim a partir do reconhecimento¹⁰ de um Outro terceiro garantidor da ordenação da linguagem.

Nesse sentido, em "*O Seminário. Livro V: as formações do inconsciente*", Lacan, a partir do chiste, define a mensagem como um surgimento de um significante novo que subverte o campo já estabelecido das significações. O surgimento desse significante novo só é possível pelo acolhimento do Nome-do-Pai como Outro da Lei. Assim, a produção da mensagem no chiste se dá na medida em que há a garantia do funcionamento da ordem simbólica.

Distintamente, no enigma há a presença de um significante novo, mas ele não chega a apresentar-se como uma mensagem no chiste, no qual o desenrolar da cadeia significante possibilita uma abertura para a emergência do sujeito. Pelo contrário, o significante novo do enigma é violentamente paradoxal, pois aparece como uma imposição ao sujeito, deixando-o em suspenso. Ou seja, há num primeiro momento a presença de significantes que querem dizer alguma coisa, mas não permitem qualquer produção de uma significação, resultando num vazio na significação. Num segundo momento temos a transformação desse vazio em certeza e imposição, mas que permanece inapreensível para o sujeito, já que o deixa paralisado na impossibilidade de significar.

Esses dois momentos são correlatos, estando um intimamente relacionado ao outro. A não operação do Nome-do-Pai faz com que haja um vazio da significação, decorrente, em última instância, do vazio deixado pela não produção da significação fálica. Como não há o

¹⁰ Estamos definindo reconhecimento em oposição à conhecimento tal como discutimos no capítulo 3.

ordenamento significativo, que tem como resultado a produção das significações no desenrolar da cadeia, é possível a emergência de significantes no real, ou seja, a emergência de significantes fora-da-cadeia, desarticulados simbolicamente. Por essa razão, esses significantes ganham um caráter de certeza. Essa certeza, por sua vez, exerce sobre o sujeito uma imposição, impedindo-o de se apropriar de significações produzidas no devir da cadeia significativa.

Essas elaborações nos permitem compreender o enigma como efeito do surgimento do significante no real devido à forclusão do Nome-do-Pai, na medida em que não demonstra qualquer compromisso com a ordenação significativa, colocando em questão a produção de significações no desenrolar da cadeia.

Finalmente, pudemos notar, ao longo desse percurso, como o enigma coloca uma inquietude no seio da teoria lacaniana dos anos 50. Assim, além de definirmos o enigma como efeito da forclusão do significante Nome-do-Pai, é preciso ter em mente que o enigma nos coloca a questão sobre como pensar esses significantes que aparecem no real, desarticulados, fora da cadeia. O enigma, nessa perspectiva, nos permite traçar o surgimento dessa inquietude da teoria psicanalítica já nos anos 50, que terá outros desdobramentos com a teoria da letra e com as novas elaborações sobre o sentido em textos mais tardios, fontes de estudo para uma próxima investigação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSOUN, Paul-Laurent. *Introdução à epistemologia freudiana*. Rio de Janeiro: Imago, 1983.

BERCHERIE, Paul. *Os fundamentos da clínica: história e estrutura do saber psiquiátrico*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1989.

BIBLIA sagrada. A.T. *II Livro das Crônicas*. 74^a ed. São Paulo: Editora Ave Maria, 1993. Cap. 21, 22, 23, p. 475-477.

CONRARD, K. *La esquizofrenia incipiente. Intento de un análisis de la forma del delirio*. Madrid-Mexico: Editorial Alhambra, S.A., 1963.

DIAS, Lícia Mara. Abertura do Encontro 'Cem anos da interpretação dos sonhos'. In: CEM ANOS DA INTERPRETAÇÃO DOS SONHOS, 2000, FUMEC, Belo Horizonte..

IANINI, Gilson. A escritura do sonho de Freud. In: CEM ANOS DA INTERPRETAÇÃO DOS SONHOS, 2000, FUMEC, Belo Horizonte..

FREUD, Sigmund. *Projeto para uma psicologia científica*. Rio de Janeiro: Imago, 1980. (Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud, 1)

_____. *Carta 52*. Rio de Janeiro: Imago, 1980. (Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud, 1).

_____. *A interpretação dos sonhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1980. (Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud, parte II, 5).

_____. *Psicopatologia da vida cotidiana*. Rio de Janeiro: Imago, 1980. (Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud, 6).

_____. *Fragmento da análise de um caso de histeria*. Rio de Janeiro: Imago, 1980. (Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud, 7).

_____. *Os chistes e sua relação com o inconsciente*. Rio de Janeiro: Imago, 1980. (Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud, 8).

_____. *Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranóia (Dementia paranoides)*. Rio de Janeiro: Imago, 1980. (Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud, 12).

_____. *História de uma neurose infantil*. Rio de Janeiro: Imago, 1980. (Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud, 17).

_____. *A negativa*. Rio de Janeiro: Imago, 1980. (Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud, 19).

HYPOLLITE, Jean. Comentário falado sobre a 'Verneinung' de Freud. In: LACAN. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998, apêndice 1, p. 893-902.

JAKOBSON, Roman. *Dois aspectos da linguagem e dois tipos de afasia*. In: *Linguística e Comunicação*. São Paulo: Ed. Cultrix, 1995. P. 34-62.

JASPERS, Karl. Consciência da Realidade e Idéias Delirantes. In: *Psicopatologia Geral*. Tomo 1. São Paulo: Editora Atheneu, 2000. p. 115-131.

_____. O curso da vida. In: *Psicopatologia Geral*. Tomo 2. São Paulo: Editora Atheneu, 2000. p. 811-851

LACAN, Jacques. *O Seminário. Livro 3: as psicoses (1955-1956)*. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Versão brasileira de Aluísio Pereira de Menezes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1988.

_____. *O Seminário. Livro 5: as formações do inconsciente (1957-1958)*. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Versão brasileira de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.

_____. 1949: O estágio do espelho como formador da função do eu. In *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

_____. 1956: Introdução ao comentário de Jean Hypollite sobre a ‘Verneinung’ de Freud. In *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

_____. 1956: Resposta ao comentário de Jean Hypollite sobre a ‘Verneinung’ de Freud. In *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

_____. 1957: Instância da Letra no inconsciente ou a razão desde Freud. In *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

_____. 1957: De uma questão preliminar a todo tratamento possível das psicoses. In *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

- _____. 1960: A subversão do sujeito e a dialética do desejo no inconsciente freudiano. In *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.
- _____. Introdução à edição alemã de um primeiro volume dos Escritos (Walter Verlag). In: *Falo. Revista Brasileira do Campo Freudiano*. Rio de Janeiro: Fator Editora, no. 2, p. 7-12, jan-jun, 1988.
- LAURENT, Éric. Déficit ou énigme. *La cause freudienne, Revue de psychanalyse*. Paris: Navarin: Seuil, no.23, p. 3-4, fev. 1993.
- _____. Trois Énigme: Le sens, la significacion, la jouissance. *La cause freudienne, Revue de psychanalyse*. Paris: Navarin: Seuil, no. 23, p. 43-49, fev. 1993.
- LAVIGNE, Jorge Aléman. Intervención. In: *IV Seminário de texto. 'De una cuestion preliminar a todo tratamiento posible de la psicosis.'*
- LEGUIL, François. Lacan avec et contre Jaspers. In: *Ornicar?* Paris: Navarin, no. 48, p. 5-23, 1989.
- LOBOSQUE, Ana Marta. Abordagem do delírio: alcance e limite da contribuição fenomenológica. In: *A psicopatologia da psicose: uma questão de linguagem?* Belo Horizonte: Centro de Estudos Galba Veloso/IRS. p. 17-22. (sem data).
- MANDIL, Ram Avraham. *Os efeitos da Letra: Lacan leitor de Joyce*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 1999. (Tese, Doutorado em Literatura Comparada).
- MILLER, Jacques-Alain. *Perspectivas do Seminário 5 de Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.

_____. Orverture: De la surprise à lénigme. In: IRMA. *Le conciliabule d'angers: effets de surprise dans les psychoses*. Paris: Algama/ Seuil, 1997. p. 9-22.

_____. Vide et Certitude. In: IRMA. *Le conciliabule d'angers: effets de surprise dans les psychoses*. Paris: Algama/ Seuil, 1997. p. 225-231.

_____. Teoria d'alíngua (rudimento). In: *Matemas I*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1996. p. 55-72.

MILNER, Jean. *A obra clara. Lacan, a ciência e a filosofia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1996.

NANCY, Jean-luc, LACOUÉ-LABARTHE, Philippe. *Le titre de la lettre*. Paris: Galilée, 1973.

RACINE, J. *Athalie*. Paris: Ed. Librairie Garnier Frères, (sem data). (Coleção Chefs – D'Oeuvre du Théâtre Classique Français).

RÉCANATI, François. Du signe à l'énonciation. In: *La transparence et l'énonciation. Pour introduire a la pragmatique*. Paris: Éditions du Seuil, 1979. p. 15-28.

_____. Transparence et opacité du signe. In: *La transparence et l'énonciation. Pour introduire a la pragmatique*. Paris: Éditions du Seuil, 1979. p. 31-47.

SANTIAGO, Jésus. *Decontinuidade e Continuidade na retórica do Witz: franqueamento da metáfora ou finalidade no lust*" (1999). (inédito).

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Lingüística Geral*. São Paulo: Editora Cultrix, 1989.

SCHREBER, Daniel Paul. *Memórias de um doente de nervos*. São Paulo: Paz e Terra Ed., 1995.

SOFOCLES. *Édipo-Rei*. São Paulo: Abril Cultural Ed., 1976. (Coleção Teatro Vivo)

SOLER, Colette. Le Expérience énigmatique du psychotique, de Schreber à joyce. *La cause freudienne, Revue de psychanalyse*. Paris: Navarin: Seuil, no. 23, p. 50-59, fev. 1993.

SOLER, Colette. Abordagens do Nome-do-Pai. In: *Artigos Clínicos*. Salvador: Fator Ed, 1991. p. 119-135.

TEIXEIRA, Antônio. Forclusão generalizada: como é possível não ser louco? *Coringa/ Escola Brasileira de Psicanálise - Minas Gerais*. Belo Horizonte: EBP-MG., no. 14, p. 60-65, abr., 2000.

_____. *A Leila e a Norma*. Belo Horizonte. 2000. 8p. (Inédito)

WACHSBERGER, Herbert. *L'enigme dans la clinique et son histoire: du phénomène élémentaire à l'expérience énigmatique*. In: *La cause freudienne, Revue de psychanalyse*. Paris: Navarin: Seuil, no.23, p. 14-18, fev. 1993

RÉSUMÉ

L'objectif de ce travail est l'investigation de la notion d'énigme, à partir de la perspective de la forclusion du signifiant Nom-du-Père.

Pour réaliser cet objectif, d'abord nous discuterons l'importance de la notion d'énigme pour la description du délire psychotique. Bien que dans la psychopathologie l'énigme n'apparait pas comme une catégorie, nous trouvons, dans la description psychopathologique des phénomènes psychotiques, des aspects qui seront fondamentaux à la construction lacanienne de la notion d'énigme dans la psychose.

Ensuite nous traiterons proprement de la construction de la notion d'énigme dans la psychose selon Lacan. Dans cette perspective, nous avons vu que la notion d'énigme se fait présent dans "*Le Séminaire. Livre III: les psychoses*" (1955-6, 1988). Mais seulement à partir du texte "*D'une question préliminaire à tout traitement possible des psychoses*" (1998) et de "*Le Séminaire. Livre V: les formations d'inconscient*" (1957-8, 1999), nous pouvons articuler d'une forme plus claire l'énigme dans la psychoses et la forclusion du signifiant Nom-du-Père.

Dans ce parcours, nous pouvons conclure que la notion d'énigme pose le problème de penser les signifiants hors-chaine, symboliquement désarticulés. Cette considération démontre l'importance de l'énigme dans la psychose à partir de la théorie de la forclusion du signifiant Nom-du-Père, parce qu'elle nous permet de réfléchir sur la portée et les limites de cette théorie, signalant de nouvelles élaborations théoriques.